



UAlg

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

O papel do educador perante uma criança com atraso de linguagem

Carina Mafalda Lisboa Fernandes

Relatório da prática de ensino supervisionada para a obtenção do grau de mestre em
educação pré-escolar

Mestrado em educação pré-escolar

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professor doutor Artur Henrique Ribeiro Gonçalves

Mestre Maria Helena Martins da Cruz Horta

2013

O papel do educador perante uma criança com atraso de linguagem

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

(Carina Mafalda Lisboa Fernandes)

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e ao editor.

Agradecimentos

No desenvolvimento deste relatório de investigação, o caminho nem sempre foi fácil, mas o apoio de várias pessoas fez com que, gradualmente, pudesse concretizá-lo. Assim sendo, quero deixar os meus sinceros agradecimentos:

Ao Professor Doutor Artur Gonçalves, professor e orientador, por aceitar orientar este trabalho;

À Professora Maria Helena Horta, professora e orientadora, pela paciência e disponibilidade, pela ajuda e pelas sugestões ao longo de todo este trabalho;

À Instituição, onde decorreu a minha Prática de Ensino Supervisionada, principalmente à educadora cooperante e à psicóloga pela disponibilidade, abertura e colaboração na realização das entrevistas;

A todas as crianças do grupo, à criança sobre a qual o qual foi desenvolvido o estudo e à sua encarregada de educação que colaboraram no mesmo;

A toda a família e amigos pelo apoio, compreensão e estímulo.

Resumo

A educação pré-escolar, embora não seja de frequência obrigatória, constitui a primeira etapa de um longo processo educativo e, conseqüentemente, um marco decisivo no sucesso escolar e social das crianças.

Nesta fase, a aquisição e o desenvolvimento da linguagem são estruturantes para a construção do sujeito, assim como para o seu crescimento social e pessoal. Neste sentido, a ação do educador tem uma grande importância, essencialmente na construção de experiências que promovam a compreensão e a expressão oral da criança.

O presente estudo, realizado no âmbito da prática de ensino supervisionada do mestrado em educação pré-escolar, tem como objetivos principais identificar qual o papel do educador face a uma criança com atraso de linguagem e conhecer a ação conjunta entre educador, família e instituição perante esta mesma situação.

Assente numa metodologia qualitativa, que contemplou como instrumento de recolha de dados a entrevista semiestruturada, teve como participantes a educadora de infância responsável pela sala onde decorreu a prática de ensino supervisionada, a mãe da criança sobre a qual vai ser desenvolvido o estudo e a psicóloga que a acompanhou no percurso do jardim de infância.

Os resultados obtidos permitem delinear que a linguagem e a comunicação ocupam um lugar privilegiado na educação pré-escolar; que o educador é um importante agente de socialização da criança, sendo responsável pela deteção precoce de qualquer anomalia ou atraso de desenvolvimento por parte da criança, e que a educação deve ser uma responsabilidade partilhada entre a família, os educadores e a instituição e que o trabalho realizado na educação pré-escolar só fará sentido se as práticas familiares forem coerentes e articuladas com todo o processo.

Palavras-chave: Educação pré-escolar; desenvolvimento da linguagem; atraso na linguagem; educadora de infância.

Abstract

The pre-school education, although not being its attendance compulsory, it is the first step in a long-term educational process and, consequently, an important landmark in social and academic success of children.

At this stage, acquisition and language development are structural construction of the subject, as well as the social and personal growth. In this sense, the action of the educator has a great importance, mainly in the construction of experiences that promote understanding and speaking the children.

The present study performed for the supervised teaching practice of the master of education preschool, aims to identify the main role of the educator in the face of a child with language delay and meet joint action between educator, family and institution at this same situation.

Based on a qualitative methodology, which included as an instrument of data collection semi-structured interview, with the participants kindergarten teacher and held responsible for the room where the supervised teaching practice, the child's mother on which the study will be developed and psychologist accompanied on the course of kindergarten.

The results obtained to delineate the language and communication occupy a privileged place in pre-school and that the teacher is an important agent of socialization of children, being responsible for the early detection of any abnormality or developmental delay by the child, and that education should be a shared responsibility between families, educators and the institution and that the work done in pre-school education will only make sense if family practices are consistent and coordinated with the whole process.

Keywords: Preschool education; language development; language delay; kindergarten and preschool teacher.

Índice Geral

| | |
|--|----------|
| Agradecimentos | ii |
| Resumo | iii |
| Abstract | iv |
| Índice geral | v |
| Índice de imagens | vii |
| Índice de anexos | viii |
| Introdução | 1 |
| CAPÍTULO I: Contextualização da investigação | 3 |
| 1. Caracterização do contexto | 3 |
| 2. Caracterização da instituição | 4 |
| 3. Caracterização da sala | 4 |
| 4. Caracterização do grupo | 6 |
| 5. Caracterização do João | 6 |
| CAPÍTULO II: Enquadramento conceptual | 8 |
| 1. Linguagem oral | 8 |
| 2. Desenvolvimento da linguagem em interação social | 10 |
| 3. Teorias acerca da aquisição e do desenvolvimento da linguagem | 11 |
| 3.1 Perspetiva behaviorista | 11 |
| 3.2 Inatismo linguístico | 12 |
| 3.3 Perspetiva cognitivista | 12 |
| 3.4 Perspetiva construtivista | 13 |
| 3.5 Perspetiva social | 13 |
| 4. O desenvolvimento da linguagem oral na educação pré-escolar | 14 |
| 5. Perturbações da comunicação e da linguagem | 15 |

| | |
|---|----|
| 6. Classificação e possíveis causas das perturbações | 16 |
| 6.1 Perturbação da linguagem expressiva | 16 |
| 6.2 Perturbação mista de linguagem recetiva-expressiva | 16 |
| 6.3 Perturbação fonológica | 17 |
| 6.4 Gaguez | 17 |
| 6.5 Perturbação da comunicação sem outra especificação | 17 |
| 7. O papel do educador | 18 |
| 7.1 Intervenção educativa na criança com perturbação de linguagem | 18 |
| | |
| CAPÍTULO III: Metodologia | 20 |
| 1. Natureza do estudo | 20 |
| 2. Objetivos do estudo | 20 |
| 3. Questões orientadoras do estudo | 20 |
| 4. Protagonistas do estudo | 20 |
| 5. Opções e procedimentos metodológicos | 21 |
| 5.1 Delineamento do estudo | 21 |
| 5.2 Instrumento de recolha de dados e seu tratamento | 21 |
| 5.2.1 Entrevista semiestruturada | 21 |
| 5.2.2 Elaboração dos guiões das entrevistas | 21 |
| 5.2.3 Realização das entrevistas | 22 |
| 5.2.4 Tratamento dos dados | 22 |
| | |
| CAPÍTULO IV: Apresentação e interpretação dos dados | 23 |
| 1. Entrevista à educadora | 23 |
| 2. Entrevista à mãe | 26 |
| 3. Entrevista à psicóloga | 26 |
| | |
| Considerações finais | 32 |
| | |
| Referências bibliográficas | 35 |
| Anexos | 37 |

Índice de imagens

Imagem 1 – Planta da sala

5

Lista de anexos

| | |
|--|----|
| Anexo I – Guião de entrevista à educadora | 37 |
| Anexo I.a – Protocolo da entrevista à educadora | 40 |
| Anexo I.b – Primeiro tratamento da entrevista à educadora | 46 |
| Anexo I.c – Pré-categorização da entrevista à educadora | 50 |
| Anexo I.d – Grelha de categorização da informação (entrevista à educadora) | 54 |
| Anexo II – Guião de entrevista à mãe | 58 |
| Anexo III – Guião de entrevista à psicóloga | 61 |
| Anexo IV – Quadro comparativo da categorização das entrevistas | 64 |

Introdução

A cada momento, o ser humano comunica constantemente com os seus pares, na vida em sociedade, para expressar os seus sentimentos ou apenas para viver nela. Quando a comunicação não é possível, muito da sua vida se encontra comprometido, limitando, não só socialmente mas também em relação às aprendizagens.

Para aprender é necessário observar e interagir de forma verbal, destacando-se, neste contexto a oralidade como um dos elementos do processo de comunicação.

O presente estudo baseia-se, não só no papel do educador perante uma criança com atraso de linguagem, mas também no papel dos constituintes da equipa educativa, neste caso, a educadora, a mãe da criança (também encarregada de educação) e a psicóloga. Assim sendo, este trabalho incidiu sobre uma criança que, até à data em que terminou a minha prática de ensino supervisionada (PES), tinha quatro anos e meio e apresentava um atraso a nível da linguagem.

Após a educadora verificar a existência de sinais que refletiam qualquer anomalia no normal processo de desenvolvimento da linguagem desta criança, surgiu-me uma preocupação neste sentido, visto que também o seu sucesso escolar e a sua inclusão na comunidade educativa estavam implicados. Perante esta realidade e visto ser uma temática que sempre me despertou muita atenção e vem ao encontro dos meus interesses pessoais, surgiram duas questões: saber qual o papel do educador e qual a sua intervenção com outras entidades (neste caso a família e os técnicos) perante a situação. Isto porque a educação não é apenas responsabilidade do educador, mas sim de toda uma equipa educativa, nas quais deverão estar implicadas a família e a instituição. Nos dias de hoje, durante a educação pré-escolar, temos vindo a assistir à permanência das crianças, durante a maior parte do dia, convivendo mais com o seu grupo no jardim de infância do que com a sua família. Daí surge a necessidade de afigurar o contexto escolar a um espaço rico em interações, respondendo às necessidades de cada criança. Para além disso, a linguagem é um dos aspetos que se encontrará sempre presente durante a educação pré-escolar e na minha vida futura, pois a maioria da comunicação baseia-se na linguagem verbal.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos. O primeiro inicia-se com a descrição do contexto, caracterizando-se a instituição, a sala, o grupo de crianças e a criança sob a qual será desenvolvida a investigação.

No segundo, prossegue-se com o enquadramento conceptual em torno duma abordagem sobre algumas conceções e teorias sobre a linguagem, as perturbações de comunicação e linguagem e o papel do educador relativamente a estas temáticas.

O terceiro destina-se à apresentação da metodologia utilizada para a realização desta investigação, onde se definem os objetivos, as questões de investigação, os protagonistas do estudo e os instrumentos de recolha de dados.

O capítulo quatro é dedicado à análise e tratamentos dos dados recolhidos.

A última parte deste relatório aloja as considerações finais sob toda esta investigação.

Deve, ainda, salientar-se que foram atribuídos nomes fictícios com o intuito de proteger a confidencialidade das pessoas e das instituições envolvidas.

CAPÍTULO I: Contextualização da investigação

O presente relatório de investigação enquadra-se no âmbito do mestrado em educação pré-escolar, mais concretamente, na unidade curricular de PES, no ano letivo de 2010/2011, cujo tema será «O papel do educador perante uma criança com atraso de linguagem», que vem ao encontro dos meus interesses pessoais, visto ser uma temática que sempre me despertou muito interesse. Para além disso, é um dos aspetos que se encontrará sempre presente durante a educação pré-escolar e na minha vida futura, pois a maioria da comunicação baseia-se na linguagem verbal.

Posto isto, o meu estudo será desenvolvido em torno de uma criança (de quatro anos e meio), com atraso da linguagem, com o intuito de conhecer todo o processo envolvente assim como a cooperação entre os elementos da equipa educativa. Esta mesma criança frequentava uma instituição particular de solidariedade social (IPSS), em Loulé.

1. Caracterização do contexto

O concelho de Loulé, é o mais povoado da região algarvia, com cerca de 50 500 habitantes e ocupa 765 m² do território. É constituído por 11 freguesias: Almancil, Alte, Ameixial, Benafim, Boliqueime, Quarteira, Querença, Salir, S. Clemente, S. Sebastião e Tôr. É provido de uma grande atração turista, graças à sua faixa de costa marítima algarvia de 13,5 km, aproximadamente.

A composição da pirâmide referente à estrutura etária da população é relativamente equitativa, pois não se verifica grande desfasamento entre os vários grupos etários. A diminuição nos grupos mais jovens e um aumento dos mais idosos contribuiu para este facto. Em 2000, a pirâmide retratou um envelhecimento da população, o que provavelmente se irá acentuar durante a década em estudo.

Na região habitam pessoas oriundas de outros países e do norte do país, com o intuito de melhorar as suas condições de vida. A população vive essencialmente do comércio, sendo esta zona considerada um dos centros de comércio regional, devido à sua boa localização (perto do Alentejo e central no Algarve) e pela aproximação de portos marítimos e terrestres.

O comércio a grosso não tem muito significado nesta região, embora o mesmo não se verifique com o comércio a retalho, que padece de um significativo número de unidades. A percentagem de estabelecimentos localizados em Loulé é de 43%, sendo, deste modo, um polo comercial de grande importância no contexto.

O clima é ameno e, por vezes, mediterrâneo, devido aos invernos relativamente chuvosos e amenos e os verões quentes e secos.

Relativamente à educação e ao ensino, o jardim de infância tem uma predominância de 59% nesta região, havendo instituições com as três valências (creche, jardim de infância e atividades de tempos livres). Verificava-se, neste concelho, a existência de 10 jardins de infância particulares, 6 instituições particulares de solidariedade social (IPSS) e 11 do Ministério da Educação, frequentados por 2042 crianças no total.

2. Caracterização da instituição

A instituição é uma IPSS, que, por definição, intervém na sociedade, prestando serviços à comunidade desde a infância à terceira idade nas várias áreas e valências que corresponde às novas realidades sociais, com base numa visão humanista, tendo em conta os mais desfavorecidos e excluídos da sociedade

Encontra-se localizada numa zona urbana e calma, entre o campo e a cidade. A sua zona circundante é constituída por vários serviços públicos como o complexo desportivo municipal, a escola secundária, o centro de Saúde, o complexo de serviços oficiais públicos, o pavilhão gimnodesportivo, o centro de emprego, a biblioteca municipal, o mercado municipal, entre outros.

Quanto ao espaço físico, a instituição sustenta a valência de creche com seis salas e a educação pré-escolar com quatro. O espaço exterior apresenta boas dimensões. Toda a instituição está circundada por um sistema de segurança, com o intuito de impedir a saída de crianças e a entrada de estranhos.

3. Caracterização da sala

A sala heterogénea, denominada das Joanelhas, onde decorreu a minha PES, está disposta da seguinte forma:

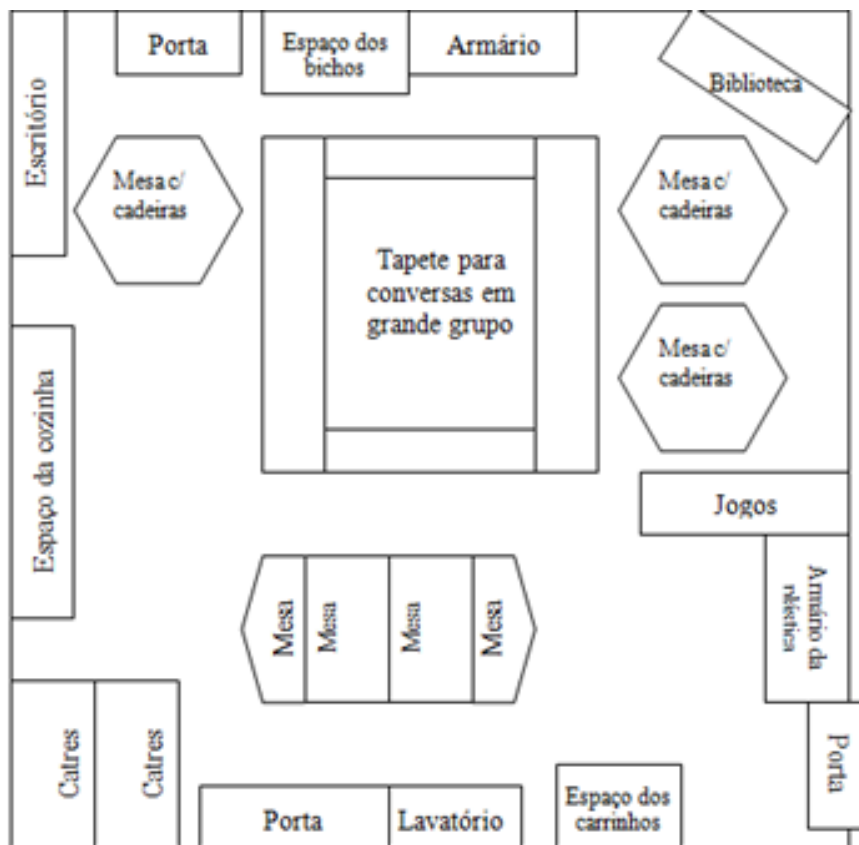


Imagem 1 – Planta da Sala

Tem boas dimensões e bastante luminosidade tanto natural como artificial. Nas paredes da sala, estão expostos os trabalhos das crianças realizados ao longo do ano letivo e os quadros de registo. A sala possui uma bancada, de altura adequada à utilização das crianças. Deve-se ainda salientar que a sala contém diversos armários de arrumação à disposição do grupo e de fácil utilização.

A organização do espaço qualifica as intenções educativas da educadora pelo que os contextos estão adequados de modo a promoverem aprendizagens significativas e em segurança, potenciando o desenvolvimento integrado do grupo.

Como é possível verificar na imagem acima, a sala é constituída por oito espaços: do tapete, da casinha, da biblioteca, da expressão plástica, dos animais, dos jogos, dos carrinhos e do escritório, organizados de modo a que as crianças os utilizem de forma autónoma.

4. Caracterização do grupo

O grupo da sala das Joanelhas é heterogéneo, inicialmente, constituído, por 23 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, 12 meninas e 11 meninos. À data da recolha de dados, só se encontravam presentes 22 crianças, pois uma delas mudou de cidade e, por conseguinte, de instituição.

Sucintamente e segundo os dados estatísticos presentes no projeto curricular de grupo (Caeiro, 2010/2011), observámos que 22 das crianças residem em Loulé e 1 em Salir.

Em relação ao núcleo familiar, 15 das crianças vivem num núcleo familiar com pai e mãe, 7 vivem num núcleo familiar monoparental e 1 vive em regime de acolhimento. Ainda neste grupo, conferimos que 3 crianças não têm irmãos, 10 delas têm 1 irmão e as restantes 10 têm 2 ou mais.

Verificámos ainda que, em relação aos pais destes meninos e meninas, mais de metade trabalham no setor terciário, que envolve o contexto da economia, a comercialização de produtos e os fornecimentos comerciais, pessoais ou comunitários a terceiros. Observámos que as suas habilitações literárias têm uma maior incidência no 9.º ano e no secundário, sendo que 11 deles têm bacharelatos, licenciaturas, mestrados e pós-graduações.

Após esta breve análise relativa ao agregado familiar das crianças, caracterizaremos o grupo de crianças em si. Relativamente à sua dinâmica, verifica-se heterogeneidade a nível cognitivo, uma vez que existem graus de desenvolvimento, necessidades, interesses e participações diferentes, devido, em grande parte, à diversidade etária presente.

No geral, o grupo é participativo e curioso, demonstra interesse por novas atividades e por trabalhos de mesa. É considerado um grupo assíduo, faltando apenas em situação de doença ou algum motivo de força maior.

5. Caracterização do João

O estudo foi desenvolvido, então, com uma criança na faixa etária dos 4 anos e meio deste grupo, que segundo a educadora cooperante, apresenta um pequeno atraso a nível cognitivo, ou seja, o seu desenvolvimento está situado nos 3 anos de idade, aproximadamente. A motricidade é o domínio que, presentemente, se encontra mais

desenvolvido. O estudo deste relatório incidirá no desenvolvimento da sua linguagem. É de salientar que esta criança está em contacto direto com duas línguas, o moldavo e o português, sendo que a primeira é a língua falada em casa pelos pais e a segunda é falada no jardim de infância. Também importa referir que o João não manifesta fluência em nenhuma das duas.

Uma vez que a capacidade de se expressar é diminuta, o adulto tenta compreendê-lo através da sua linguagem corporal e das suas expressões faciais. Não pode ser considerada uma criança introvertida, pois a sua falta de comunicação não a priva de conviver com os colegas. No entanto, as suas brincadeiras e atitudes revelam imaturidade, o que por vezes provoca afastamentos por parte das outras crianças. A sua atenção, principalmente quando se encontra em grande grupo, é muito reduzida, pois distrai-se facilmente e, com isto, destabiliza os que se encontram à sua volta. Demonstra muito interesse por atividades que impliquem o manuseamento de tintas.

CAPÍTULO II: Enquadramento Conceptual

1. Linguagem oral

A linguagem está em todo o lado, como o ar que respiramos, ao serviço de um milhão de objetivos humanos. (Castro e Gomes, 2000: 19).

Comunicação, fala e linguagem são entendidos como conceitos similares, embora não o sejam na realidade.

A comunicação, do latim *communicatio*, determina uma marca intrínseca da interação entre os seres vivos.

Tal como referem Franco, Reis e Gil, a comunicação é um processo de troca de informação. A sua complexidade requer uma combinação de competências cognitivas, motoras, sensoriais e sociais, estando relacionada com todas as áreas de desenvolvimento. Seguindo o testemunho destes ensaístas baseados nos estudos de Nunes:

O comportamento motor pode ser tão subtil como uma piscadela de olho ou uma expressão facial, ou ser tão explícita como a palavra falada. Os *skills* cognitivos envolvidos na comunicação incluem a memória de curto e longo termo e a capacidade para estabelecer associações entre o símbolo e o seu representante. Quanto às capacidades sensoriais (audição, visão, tato...) estas permitem que a criança perceba as tentativas de comunicação do outro, mostram-lhe a existência de outras pessoas com quem comunicar e que qualquer evento pode servir de tópico para conversar, para além de facilitar a compreensão das relações entre o símbolo e o seu referente (Franco, Reis e Gil, 2003: 15).

De acordo com Franco, Reis e Gil (2003), no processo de comunicação utilizam-se a linguagem verbal, oral e escrita, o desenho, o gesto codificado, entre outros. A sua seleção estará dependente do contexto, das necessidades e das capacidades, tanto do emissor como do recetor da mensagem. Na mesma linha, entende-se o conceito por um «processo ativo de troca de informação que envolve a codificação (ou formulação), a transmissão e a descodificação (ou compreensão) de uma mensagem entre dois, ou mais, intervenientes» (Sim-Sim, 1998: 21).

A fala constitui uma marca fundamental do ser humano, através da articulação de sons, sendo uma das modalidades usadas na comunicação. No mesmo sentido, explicitam Franco, Reis e Gil (2003) que o mesmo conceito se reporta à fonética e à fonologia. A primeira caracteriza-se como a disciplina científica que estuda os sons da fala humana, assim como a sua produção e percepção. A segunda, por sua vez, analisa a organização do sistema de sons específicos de cada língua.

Por outro lado, e segundo Castro e Gomes (2000), a linguagem é uma forma muito especial de comunicar, devido ao seu carácter distintamente humano. Da mesma forma, constitui o mais importante meio de expressão humana. Como também refere Sim-Sim (1998), o termo pode ser aplicado noutros contextos como a linguagem informática, a linguagem artística, a linguagem musical, etc.

A linguagem verbal organiza sons, palavras e frases: os sons são unidades mínimas não significativas (fonemas); por palavras definem-se unidades mínimas significativas (morfemas); e frases são unidades complexas, também conhecidas como sintagmas.

Nesta medida e segundo Franco, Reis e Gil (2003) a sua aquisição é realizada através de um processo onde subsiste a manipulação, a combinação e a integração das formas linguísticas e de regras. É, então, permitido o progresso de capacidades para perceber a linguagem (linguagem compreensiva) e para formular linguagem (linguagem expressiva).

No que se refere à opinião de Peixoto (2007), as capacidades comunicativas englobam mais do que a visão tradicional das linguagens compreensiva e expressiva, visto que a linguagem inclui outras competências como o envolvimento de interações gestuais pré-verbais, incluindo a sinalização de afetos e a imitação.

Assim sendo, a linguagem oral é uma forma de comunicação universal e, conseqüente a esta universalidade, depara-se o facto de qualquer criança nascer capacitada para adquirir a língua natural da comunidade a que pertence, desde que esteja em contacto com a mesma. Entende-se como língua natural a «língua materna de uma comunidade linguística quando é ela que as crianças nascidas nessa comunidade desenvolvem espontaneamente como resultado do processo de aquisição da linguagem» (Duarte, 2000:15).

A qualidade do contexto influencia a qualidade do desenvolvimento da linguagem, uma vez que quanto mais estimulante for o ambiente linguístico maiores são as probabilidades deste desenvolvimento acontecer.

2. Desenvolvimento da linguagem em interação social

Sim-Sim (1997) refere que os seres humanos adquirem espontaneamente a língua natural da comunidade em que passam os primeiros anos de vida – a língua materna, usando-a como locutores, interlocutores e ouvintes. Ao iniciar a educação pré-escolar, qualquer criança possui um domínio significativo da língua usada no seu primeiro grupo de socialização, a família, que resulta de um processo de aquisição natural. Para além do contexto familiar, o ambiente educativo do jardim de infância é um dos contextos privilegiados para o desenvolvimento das capacidades comunicativas e linguísticas.

Sim-Sim, Silva e Nunes (2008) são da opinião que as trocas verbais com as crianças, na sua presença, permitem que o aprendiz de falante construa o seu próprio conhecimento sobre a língua materna. Assim sendo, o seu envolvimento em interações verbais cria oportunidades que promovem de forma eficaz as competências comunicativas.

Sim-Sim (1997) clarifica que, em relação à linguagem oral, a educação pré-escolar deve inculcar nas crianças o valor de «saber ouvir» e «saber expressar-se», adequado ao contexto. No primeiro caso, o objetivo será criar na criança a necessidade de prestar atenção ao que é dito, seguindo a mensagem do interlocutor. No segundo, é ensiná-la a ser eficaz na comunicação oral, expressando-se de forma clara e eficiente.

Seguindo a anterior linha de ideias, podemos afirmar que «(a)djacente ao prazer de comunicar existe uma motivação intrínseca para interagir» (Sim-Sim, Silva e Nunes, 2008: 32). Querem com isto dizer que, as situações que motivam as crianças a comunicarem advêm das rotinas que vivenciam, e o facto de interagirem cada vez com mais interlocutores, possibilita-lhes uma maior variação na quantidade e qualidade das interações. Tanto a criança como o adulto, no processo comunicativo, contribuem para o enriquecimento mútuo dessa partilha. A afirmação abaixo confirma que:

A responsividade dos adultos às tentativas comunicativas das crianças, e a qualidade das interações estabelecidas entre ambos, desempenham um papel vital no desenvolvimento das capacidades comunicativas e constituem a base das aprendizagens, do conhecimento do mundo e da promoção do desenvolvimento social, cognitivo, afetivo e linguístico. (Sim-Sim, Silva e Nunes, 2008: 33)

É, então, no desenvolvimento das capacidades comunicativas que o educador e a educação pré-escolar têm um papel fundamental, pelo que veremos mais adiante, no ponto 4 e 7.

3. Teorias acerca da aquisição e do desenvolvimento da linguagem

3.1 Perspetiva behaviorista

Parafrazeando Sim-Sim (1998:298), o desenvolvimento da linguagem resulta do conjunto sistematizado das aprendizagens. As teorias behavioristas são, assim, conhecidas por teorias de aprendizagem e correspondem à modificação de um comportamento (*behavior* em inglês), sendo a linguagem um comportamento verbal. O mentor desta perspetiva é Skinner, referindo que as crianças ganham mestria do comportamento verbal através da interação com o ambiente, imitando o que observam à sua volta. Também aqui os pais têm um papel fundamental no comportamento linguístico da criança, graças à imitação.

Neste sentido, a mesma autora (1998) menciona que as crianças aprendem a linguagem do mesmo modo que aprendem os outros tipos de comportamento, através do condicionamento operante e da aprendizagem por observação. Define-se condicionamento operante como a aprendizagem em que o sujeito é capaz de reproduzir um comportamento que foi reforçado ou de eliminar outro em que foi punido. Este reforço é uma consequência da provável repetição desse mesmo procedimento, que poderá ser positivo ou negativo. O primeiro caso ocorre quando se dá uma recompensa, no segundo quando se retira algo que o indivíduo não gosta. Por sua vez, a punição elimina um comportamento através da retirada de algo desejável.

Contudo, o objeto de interesse dos behavioristas não é o conhecimento linguístico mas sim a realização verbal.

3.2 Inatismo linguístico

Chomsky veio contrariar a teoria de Skinner defendendo que a criança nasce com uma predisposição inata para adquirir a linguagem. O autor concorda que o seu desenvolvimento tem contributos do reforço e da imitação, porém, não os acha suficientes para explicar este fenómeno de forma completa. O inatismo linguístico é o resultado da maturação neurofisiológica, existente em todas as crianças. Menciona, ainda, que o ritmo a que as crianças adquirem as palavras e a gramática sem serem

ensinadas, é extremamente rápido para serem explicados pelos princípios da aprendizagem, ao que chama «pobreza de estímulo». As crianças, ao criarem diferentes tipos de frases nunca antes ouvidas, provenientes da sua criatividade, não se baseiam na imitação (Sim-Sim, 1998:301).

O desenvolvimento da criança, de acordo com os inatistas, ocorre porque a mesma se encontra geneticamente preparada para detetar, no seu meio envolvente, as normas que lhe permitem construir o seu desenvolvimento global.

Chomsky salienta que só uma capacidade inata possibilita à criança uma precoce aquisição da linguagem, à qual deu o nome de *language acquisition device* (LAD), «o qual contempla que um conjunto de componentes básicas ou princípios gerais, geneticamente inscritos nos seres humanos, quer procedimentos que permitem descobrir como os princípios gerais se aplica à língua específica da comunidade onde a criança está inserida» (Sim-Sim, 1998: 301).

Contrariamente à perspectiva anterior, defendem que o desenvolvimento da linguagem consiste na aprendizagem das respostas, através da imitação do reforço. Por outras palavras, ao serem expostas às produções linguísticas que o meio lhes fornece, as crianças parecem formular hipóteses acerca das categorias e relações subjacentes à linguagem e testá-las através do seu uso, porque nasce preparada para todo este processo.

3.3 Perspetiva cognitivista

O defensor desta teoria foi Piaget, em 1974, citando que o desenvolvimento linguístico depende do desenvolvimento da cognição, estando o primeiro dependente do segundo. A linguagem faz parte duma organização cognitiva pertencente a mecanismos sensoriomotores, baseados na função semiótica de que a linguagem é uma das manifestações, como refere Sim-Sim (1998:303).

A mesma autora (1988) recorda que perante esta dependência entre o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento cognitivo, importa referir que Piaget o dividiu em estádios e para que a criança evolua de um estádio para o outro, precisa de se adaptar às novas situações pelas quais é confrontada pelo meio, o que envolve dois diferentes processos – a assimilação e a acomodação. Ou seja, durante a exposição a um nova situação, a criança vai adquirir informação, associando-a às estruturas cognitivas já existentes (primeiro processo) e, ao mesmo tempo, transforma-a

em novos conhecimentos (segundo processo). Do equilíbrio entre estes dois processamentos, resulta o crescimento cognitivo.

Para o sucedimento destes processos, torna-se fundamental a interação da criança com os pares e com os adultos, visto que todas estas relações estimulam o desenvolvimento socio afetivo e cognitivo, promovendo, também, o desenvolvimento da autonomia, conclui Sim-Sim (1988).

3.4 Perspetiva construtivista

Matta (2001) sublinha, na teoria desenvolvida por Vygotsky, o papel da cultura no desenvolvimento, resultante do produto de interação social. Por outras, palavras, a criança recebe inúmeros instrumentos socioculturais do contexto que a rodeia, dando um particular destaque à linguagem, poderoso instrumento de comunicação. A aquisição da linguagem e de outros sistemas de signos culturais é fundamental para a reformulação dos processos mentais elementares e na construção de processos mentais superiores, como o raciocínio, a resolução de problemas, a memórias e a atenção voluntária.

De forma a explicar o desenvolvimento cultural da criança, Vygotsky considera que a aprendizagem se adquire num plano inter-psicológico, baseado nas interações entre diferentes sujeitos e num plano intra-psicológico apoiado na interiorização que o individuo faz em relação aos processos. A todo este processo, o autor denomina por internalização.

Neste sentido, importa destacar o papel que pode ser desempenhado pelo educador durante o processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, cabendo-lhe a responsabilidade de orientar e estimular, agindo ao nível da zona de desenvolvimento proximal, definida por:

a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (Vygotsky, 1991: 97).

3.5 Perspetiva social

Bruner defende que a criança é encarada como um ser ativo na construção do seu conhecimento, porém, atribui um importante papel ao ambiente social e cultural em

que se insere. De acordo com Tavares e Alarcão (1985), aquele caracteriza a linguagem como «uma ferramenta pela qual passam ou são trabalhados os valores, as ideologias, os padrões sociais, os costumes, as tradições, etc., de uma determinada cultura».

A mesma perspectiva considera que o desenvolvimento cognitivo integra dois processos: representação e integração da informação. O primeiro está ligado à ideia de que a criança representa aquilo que vai tomando conhecimento e o segundo diz respeito à capacidade de relacionar conhecimentos anteriores com os que vai adquirindo. O processo de construção do conhecimento é designado por aprendizagem pela descoberta.

Também Bruner considera que o educador tem um papel crucial em todo este processo, sendo necessária a criação de estratégias que despertem nas crianças a descoberta e a curiosidade, desenvolvendo o seu pensamento com o apoio do adulto.

4. O desenvolvimento da linguagem oral na educação pré-escolar

A educação pré-escolar é a primeira etapa de educação básica no processo de educação ao longo da vida (...)
(Ministério da Educação, 1997:15).

Segundo Castro e Gomes (2000), o sucesso das crianças na escola depende do seu próprio bem-estar. Isto porque as famílias têm cada vez menos tempo para se ocuparem da formação dos filhos e é aí que a importância da escola surge reforçada. Isto porque a criança, desde muito cedo, começa a adquirir e a desenvolver a língua dos pais de forma natural, através das interações realizadas com as pessoas do meio envolvente, sendo influenciada pelo contexto no qual de encontra inserida. Neste sentido, entende-se que os ambientes estimulante linguisticamente e com experiências enriquecedoras proporcionam à criança uma maior possibilidade de desenvolver o seu nível cognitivo, linguístico. Por outro lado, a criança que vive em ambientes pouco estimulantes tem o seu desenvolvimento limitado.

Quando as crianças chegam ao jardim de infância trazem consigo diferentes vivências sociais e culturais. Torna-se, assim, da responsabilidade da instituição proporcionar a todas elas iguais oportunidades para desenvolverem as suas capacidades, essenciais para o seu futuro social e escolar. Neste sentido, é fundamental que o educador opte por práticas que facilitem o processo de desenvolvimento da linguagem.

De acordo com Sim-Sim, Silva e Nunes (2008), é imprescindível que o educador nunca se esqueça da maneira como fala e se exprime, tendo a consciência de que é um modelo para a criança.

Para que ocorra o desenvolvimento da linguagem oral da criança, são de extrema importância as interações com outras crianças e com outros adultos. Estas experiências desenvolvidas na sala de atividades permitem que a criança domine a linguagem «alargando o seu vocabulário, construindo frases mais corretas e complexas» (Ministério da Educação, 1997: 67).

É imprescindível que o educador proporcione ao grupo de crianças e a cada uma em particular atividades enriquecedoras e motivantes para que estas se interessem e se envolvam ativamente na sua realização para que, assim, desenvolvam as suas capacidades, no geral, e a comunicação oral, em particular.

Antes de ingressar no 1.º ciclo do ensino básico, a criança deverá possuir um bom domínio da linguagem oral, pois só assim terá sucesso nas suas novas aprendizagens e sentir-se-á motivada para a aprendizagem da linguagem escrita (leitura e escrita).

5. Perturbações da comunicação e da linguagem

No dizer de Castro e Gomes (2000), existem três condições para o domínio da língua. Para começar, é um processo longo que necessita de tempo e que tem o seu próprio ritmo. Depois, há diferenças entre as crianças, no que diz respeito quer ao ritmo da aquisição, quer à proficiência relativa deste ou daquele aspeto da linguagem. Por último, essa suposta facilidade aplica-se apenas à linguagem falada. Estas três condições têm um pressuposto comum: a linguagem é complexa e multifacetada.

A aquisição da linguagem oral é um processo natural, pois não necessita de qualquer aprendizagem formal. No entanto, segundo Vitto e Feres (2005) algumas crianças têm diversas dificuldades neste processo, que são muito comuns, afetando 5 a

10% de todas as crianças. Estima-se que 1% das crianças, ao ingressar na escola, possuem uma deficiência de linguagem marcante.

Face a este pressuposto, surge a necessidade de compreender o que são estas perturbações. Assim sendo, perturbação da comunicação, segundo Peixoto (2007), ocorre quando há uma quebra na cadeia de comunicação. Quer-se com isto dizer que, esta mesma implica a capacidade da pessoa transferir informação, quer para uma pessoa, quer para um grupo. Perturbação de linguagem, na opinião do mesmo autor (2007) é definida como uma limitação significativa na habilidade linguística.

6. Classificação e possíveis causas das perturbações

Segundo Castro e Gomes (2000), as dificuldades de linguagem distinguem-se por serem originadas por uma perturbação no próprio sistema de linguagem ou derivada de uma perturbação a outro nível. Peixoto (2007) considera, ainda, os desvios no ambiente que afetam a quantidade/qualidade do estímulo linguístico que a criança recebe como uma das causas.

De uma forma geral e segundo o mesmo autor (2007) as perturbações da comunicação incluem:

6.1 Perturbação da linguagem expressiva

A sua principal característica é um défice de desenvolvimento da linguagem expressiva. Esta dificuldade pode manifestar-se na linguagem oral verbal e na linguagem gestual, interferindo no rendimento escolar, laboral ou na comunicação social.

6.2 Perturbação mista de linguagem recetiva-expressiva:

Subsiste um défice no desenvolvimento da linguagem recetiva e expressiva. Tal como a perturbação anterior, também esta pode manifestar-se na linguagem oral verbal e na linguagem gestual, interferindo no rendimento escolar, laboral ou na comunicação social.

6.3 Perturbação fonológica:

Caracteriza-se pela incapacidade em utilizar sons da fala, próprios da idade.

6.4 Gaguez:

Assinalada pela fluência e organização temporal da fala, inadequadas para a idade do sujeito.

6.5 Perturbação da comunicação sem outra especificação:

São perturbações que não preenchem os critérios de qualquer perturbação específica de comunicação como, por exemplo, uma perturbação vocal.

Existe, ainda, tal como refere Peixoto (2007), o atraso no desenvolvimento da linguagem (ADL) que é visto como um atraso geral nas componentes da linguagem em relação a outras competências e é a dificuldade mais comum na idade pré-escolar. Na mesma medida, ADL é uma condição em que o nível de linguagem de uma criança é concordante com o de uma criança mais nova. Castro e Gomes (2000) mencionam, ainda, que um atraso pode ser recuperado, por si só e que é quantitativo, querem com isto dizer que existe menos desenvolvimento num dado momento, mas não um desenvolvimento diferente ou deficiente.

De acordo com os mesmos autores (2000), uma regra geral é considerar que um atraso de seis meses justifica dupla atenção, verificando sinais de alarme nos seguintes comportamentos:

- Quando aos 18 meses a criança não compreende ordens simples;
- Quando com dois anos completos, a criança não diz nenhuma palavra;
- Quando aos três anos não produz frases de três palavras;
- Quando aos quatro anos formula frases que não se submetem às regras gramaticais;
- Quando aos cinco anos persistem omissões ou alterações frequentes na articulação.

7. O papel do educador

No dizer de Castro e Gomes (2000), o educador desempenha um papel crucial na deteção precoce destas dificuldades, uma vez que está numa posição privilegiada para o fazer: tem um contacto diário com as crianças e é-lhe permitido um olhar conhecedor sobre a criança mais desapaixionado e mais lúcido que o dos pais. Por outras palavras, o educador não está tão dependente dos laços amorosos e emocionais característicos da relação parental. Neste sentido, a deteção precoce permite a tomada de ações que evitarão o agravamento de uma dificuldade ligeira.

Nos casos mais graves, o educador recomenda numa intervenção adicional, nomeadamente, um eventual tratamento por especialistas de outras áreas: consulta psicológica, consulta médica ou terapia da fala.

7.1 Intervenção educativa na criança com perturbação de linguagem

Castro e Gomes (2000) chamam-lhe intervenção educativa na medida em que pode ser enquadrada no funcionamento letivo normal. Nem sempre estas dificuldades se resolvem através de aspetos relacionais, porque para tratar as dificuldades de linguagem tem de se atender à especificidade da mesma. Esta intervenção visa, sobretudo, incentivar o uso da linguagem. Na prática, é em contacto com os outros que a adquirimos. Para tal, é necessário criar condições favoráveis ao desenvolvimento da linguagem oral, atendendo a dois princípios gerais: o da formação de interações significativas e o da atenção às características da criança.

Para desenvolver a linguagem, é crucial estar com a criança e falar com ela, transpondo-a para as suas vivências quotidianas, aproveitando os momentos de rotina para interagir, tal como referem Castro e Gomes (2000). Mencionam, ainda, que estas devem ser naturais e centrar-se em objetos, pessoas e acontecimentos que façam parte do seu contexto. Pode-se, ainda, intercalar estes momentos com a leitura de forma a enriquecer a sua expressão verbal.

A este propósito, Sim-Sim, Silva e Nunes referem que:

«(a)dquirir e desenvolver a linguagem implica muito mais do que aprender palavras novas, sem capaz de produzir todos os sons da língua ou de compreender e de fazer uso das regras gramaticais. É um processo complexo e fascinante em que a criança, através da interação com os outros, (re) constrói, natural e intuitivamente, o sistema linguístico da comunidade

onde está inserida, isto é, apropria-se da língua materna. Ao mesmo tempo que adquire a língua materna, a criança serve-se dessa língua para comunicar e para, simultaneamente aprender acerca do mundo» (Sim-sim, Silva e Nunes, 2008:11).

Relativamente ao segundo princípio, um dos aspetos mais importantes é a velocidade a que se desenrolam as interações, falando devagar, exprimindo-se por frases curtas e repetindo. Outro aspeto é dar o espaço necessário para que a criança possa participar sem dar origem a frustrações por parte da mesma.

CAPÍTULO III: Opções e procedimentos metodológicos

Terminado o enquadramento conceptual, chega o momento de especificar a metodologia utilizada na realização deste relatório de investigação.

1. Natureza do estudo

Considerando a natureza do estudo, assim como os objetivos a atingir, assume-se este como de natureza qualitativa.

2. Objetivos do estudo

O presente relatório teve como objetivos:

- Identificar o papel do educador face a uma criança com atraso de linguagem
- Conhecer a ação conjunta do educador/família/instituição perante uma criança com atraso de linguagem

3. Questões orientadoras do estudo

Como forma de conseguir alcançar os objetivos acima propostos, foram definidas as seguintes questões orientadoras:

- Qual o papel do educador face a uma criança com atraso de linguagem?
- Relativamente ao educador, qual a sua intervenção com outras entidades (família/instituição) perante uma criança com atraso de linguagem?

4. Protagonistas do estudo

Para uma melhor compreensão de todo o processo educativo envolvente do João, solicitou-se a colaboração de três pessoas importantes, neste caso, a educadora responsável pela sala frequentada, a mãe e a psicóloga que acompanhou todo o seu percurso no jardim de infância. Optou-se por escolher a mãe, para a entrevista, uma vez

que, do agregado familiar, esta é a que melhor compreende e fala português. Daí ser mais fácil a comunicação entre o entrevistador e o entrevistado.

5. Opções e procedimentos metodológicos

5.1 Delineamento do estudo

Foi elaborado um enquadramento conceptual de modo a compreender melhor a linguagem oral e a importância da educação pré-escolar no seu desenvolvimento, no entanto, para atingir os objetivos delineados tornou-se necessário pedir a colaboração dos adultos mais próximos do João, a educadora e a mãe. Pareceu, do mesmo modo, pertinente o contributo da psicóloga que acompanhou o seu percurso no jardim de infância. Isto porque, a observação e a interação realizadas durante a PES não seriam suficientes para esta finalidade.

5.2 Instrumento de recolha de dados e o seu tratamento

5.2.1 Entrevista semiestruturada

Para este estudo, o método de recolha de dados baseou-se na elaboração de guiões de entrevistas semiestruturadas, com o intuito de atingir os objetivos propostos. Indo ao encontro do que foi mencionado e segundo Quivy e Campenhoudt (2003), este instrumento parece ser uma estratégia adequada à metodologia escolhida, uma vez que permite, através de um conjunto de questões relativamente abertas, conduzir uma conversa sem desviar dos objetivos a atingir. A seleção da entrevista como método de recolha de dados teve como base o facto de esta ser caracterizada por um contacto direto entre o investigador e o interlocutor (educadora, mãe e psicóloga).

5.2.2 Elaboração dos guiões das entrevistas

A utilização das entrevistas semiestruturadas «exige um planeamento cuidadoso» (Carmo e Ferreira, 1988:133). Como tal procedeu-se à construção de três guiões com as linhas orientadoras face aos objetivos a atingir, como é possível observar nos anexos I, II e III. Neste caso concreto, os guiões foram estruturados em blocos, cada qual com os seus objetivos específicos. Tentámos que as questões fossem em número

coerente: nem um número reduzido que não permitiria abordar o tema, nem em número excessivo, de forma a não causar “cansaço” aos interlocutores.

5.2.3 Realização das entrevistas

O local escolhido para a realização das entrevistas foi a própria instituição.

Os dados foram recolhidos através da gravação em áudio. Durante a realização das entrevistas, teve-se a preocupação de respeitar as técnicas de comunicação, através da escuta ativa facultando aos participantes a liberdade para se expressarem, respeitando os silêncios. Quando se achou necessário, introduziu-se questões com o intuito de clarificar as respostas. Na mesma medida, os dados obtidos foram trabalhados de modo a proteger a confidencialidade e anonimato tanto dos participantes como da criança sobre a qual foi desenvolvido o estudo. Todo este processo está presente no anexo I.b.

5.2.4 Tratamento dos dados

Após a audição das entrevistas, procedeu-se à transcrição das mesmas para suporte escrito, respeitando a linguagem utilizada pelos participantes. Todo este processo está presente no anexo I.b, denominado por protocolo das entrevistas.

Em seguida, analisámos os dados recolhidos, ou seja, no anexo I.c, retirámos os dados e categorizámos os que achámos pertinentes para este estudo e, posteriormente no anexo I.d, os mesmos foram numerados. Segundo Bardin (2009), a análise de conteúdo consiste na desmontagem de um discurso e na produção de um novo através da atribuição de traços de significação (categorias). Continuamente procedeu-se à análise e discussão de dados, cruzando as diferentes perspetivas. Para finalizar, elaborou-se um quadro comparativo de categorização das três entrevistas (anexo IV).

CAPÍTULO IV: Apresentação e interpretação dos dados

Na análise dos dados obtidos nas entrevistas semiestruturadas, optou-se pelo cruzamento dos mesmos, de modo a transmiti-los de forma clara e precisa. Tal como foi referido anteriormente, para este estudo optou-se pelas entrevistas semiestruturadas como instrumento para a recolha das informações.

As entrevistas foram elaboradas com o intuito de conhecer melhor o papel da educadora perante o João, assim como o trabalho conjunto entre a educadora, a mãe e a psicóloga que acompanharam o processo.

Conhecidos os procedimentos metodológicos desenvolvidos, segue-se para a análise interpretativa dos dados recolhidos, tendo como base os quadros onde estes se encontram sistematizados, tal como é possível verificar nas grelhas de categorização da informação e na grelha da triangulação dos mesmos.

1. Entrevista à educadora

Segundo os dados recolhidos, a educadora possui a licenciatura em educação de infância, assim como a especialização em educação especial. Aquando da realização da entrevista, frequentava o mestrado em psicologia da reabilitação, também com especialização em educação especial. Durante os seus 11 anos de serviço, esteve três anos na Casa Nova, em creche e jardim de infância e desde há oito anos que faz parte do corpo docente da instituição onde decorreu a PES. Questionada sobre o conhecimento que detém sobre a área da linguagem, afirmou ter abordado, na sua formação inicial, o tema sobre dificuldade na aquisição da linguagem numa das disciplinas integrantes do currículo do seu curso.

Face à estrutura familiar do João, a educadora explicou que o agregado familiar desta criança é constituído por cinco elementos, o pai, a mãe e os três filhos (duas raparigas e um rapaz). No entanto, pouco é o tempo que o João passa com a mãe, uma vez que esta trabalha à noite, ficando em casa com o pai e com as irmãs. É a irmã mais velha que faz o papel de mãe durante as ausências da mesma, sendo muito protetora do João. Os pais são de nacionalidade moldava e *são pessoas extremamente simpáticas e (...) muito dadas*. Durante a PES não houve contacto direto com os pais do João, no

entanto quando surgiu a necessidade de realizar a entrevista para o estudo, a mãe mostrou-se disponível e colaborativa para este fim.

A educadora referiu que, relativamente às línguas faladas no contexto familiar, o pai e a irmã falam em moldavo e apenas a mãe fala em português, salientando ser esta uma das dificuldades do João em desenvolver o português. Portanto, conclui-se que a criança tem contacto com duas línguas, o moldavo e o português. Durante a realização da entrevista à mãe, pode-se afirmar que o seu português é pouco fluente, tendo alguma dificuldade em completar as frases e em encontrar os termos adequados às respostas, o que também dificulta a perceção do português por parte do João. Ainda nesta linha, a educadora revela que *o pai e o avô do lado do pai também quando crianças tiveram alguma dificuldade na aquisição da linguagem*. Tendo em conta o referido, o atraso da linguagem desta criança também pode ser considerado um fator genético, visto que as duas gerações anteriores à sua (que se tenha conhecimento) apresentaram a mesma dificuldade. Segundo Castro e Gomes (2000), nesta situação, a qual denominam de caso de risco, a prevenção teria assumido uma particular importância. Os mesmos autores definem, como casos de risco, crianças que apresentam dificuldade de linguagem e provêm de um meio sociocultural desfavorecido e/ou têm antecedentes familiares com problemas de linguagem. Também Peixoto (2007) menciona, segundo vários estudos, que o atraso na linguagem tem características hereditárias fortes. Afirma, também, que podemos implementar intervenções que afetam o curso de desenvolvimento da linguagem e, inclusivamente, usar o conhecimento que temos acerca da história de desenvolvimento da linguagem familiar para intervir preventivamente, antes dos sinais de atraso/perturbação de linguagem ocorrerem.

Ao ser pedido uma breve caracterização, a educadora referiu que o João estava a aprender as duas línguas (português e moldavo), em simultâneo. No início do ano letivo, não dizia quase nada, mas com o passar do tempo começou a repetir tudo o que se dizia, articulando as palavras de forma organizada e correta. Observou-se, durante a PES, que à medida que o João desenvolvia a sua linguagem, de dia para dia eram verificadas pequenas evoluções no seu discurso. Após estes processos de repetição, começou ele próprio a fazer as suas frases. De acordo com Sim-Sim (1998), as repetições são muito frequentes e desempenham um papel importante no processo de sintonização, no caso de o interlocutor ser uma criança. Assim, o adulto repete o discurso para se certificar que é compreendido; por seu turno, a criança recebe a repetição como a confirmação do significado que atribui à expressão, alargando o seu

conhecimento. A mesma autora refere, ainda, que a criança usa a repetição como uma estratégia para insistir no pedido e para chamar a atenção do adulto.

Em relação à sua capacidade de atenção, a educadora retrata-a como sendo relativa, pois umas vezes o João realizava as atividades, enquanto outras preferia ir brincar com os pares. Verificou-se, mesmo nos momentos de partilha no tapete, que a sua atenção era diminuta, pelo que se tornava necessário introduzir alguma estratégia para captar a sua atenção novamente.

A educadora refere que o atraso na linguagem, nunca impediu a criança de interagir com as outras crianças, bem como para a sua integração no grupo. Durante todo o tempo em que decorrer a PES, o João procurava todas as crianças do grupo para brincar. É claro que tinha preferência pelos seus pares, como qualquer outra criança da sua idade.

Quanto ao quadro clínico, a entrevistada explicou que foi realizado um exame de audição, pois muitas das vezes os problemas de aquisição de linguagem estão associados a problemas auditivos. Quando este fator não se comprovou, a criança foi direcionada para a terapia da fala através do centro de saúde. Este propósito vai ao encontro das ideias de Sim-Sim (1998), ao explicar que, em termos de desenvolvimento a discriminação precede a produção. Por outras palavras, antes de produzir a criança tem de ser capaz de discriminar. Alguns dos erros de produção podem ter origem numa discriminação auditiva deficitária. No entanto, o João não demonstrou ter quaisquer problemas auditivos, segundo os resultados dos exames.

No que concerne ao acompanhamento prestado por parte da educadora, esta tentou sempre que o João ficasse integrado nas atividades propostas, dando-lhe um acompanhamento mais individualizado.

Segundo a educadora, o seu trabalho conjunto com a psicóloga definiu-se ao encaminhamento dos pais para as entidades competentes na área. Até à data da entrevista os pais estavam à espera de saber a resposta da terapeuta da fala do centro de saúde.

Segundo a educadora, as evoluções verificadas no João foram significativas: no início do ano letivo, não queria agarrar no lápis, fazendo sempre com que a nossa mão agarrasse a dele. Ao ser questionada pela razão deste facto acontecer, explicou-nos que era o mesmo comportamento que a criança tinha em casa quando estava com a irmã mais velha. Posteriormente, ao perceber que era capaz, começou ele próprio a realizar as atividades propostas com entusiasmo. Começou, também, a ganhar autonomia para ir

buscar o material, realizar a atividade e ir guardá-la na sua capa. Relativamente à sua linguagem, além da repetição, começou autonomamente a criar as suas próprias frases.

Salienta, ainda, que a articulação entre os elementos da equipa educativa tem sido muito boa e tem sido demonstrado, por todas as partes, um grande empenho.

2. Entrevista à mãe

Em relação ao contexto familiar, a mãe do João confirma que a maior parte do tempo é passado com o pai e as irmãs. Refere, também, que a relação entre o menino e as irmãs é muito boa. No que diz respeito às línguas, ele tem contacto com as duas (o moldavo e o português) e apresenta dificuldade no desenvolvimento de ambas.

A mãe refere que o João tem pouca capacidade de atenção, é uma criança inquieta.

No que concerne à interação com outras crianças, a mãe dá a entender que a criança é introvertida e fechada, tendo apenas dois ou três amigos. A dúvida que surge, neste ponto, é se a mesma se referia ao contexto do jardim de infância ou fora dele. Há que relembrar que o comportamento das crianças na sala das instituições nem sempre corresponde ao que é demonstrado em casa. Deduz-se que seja esta a razão da discordância entre a mãe e a educadora, neste assunto.

A mãe explicou que foi com o João realizar exames auditivos e após a confirmação negativa do despiste, estão à espera da terapia da fala.

Em termos de acompanhamento dado ao filho, a mãe explica que poucos momentos tem apenas fala um pouco com ele, uma vez que trabalha à noite e não partilham muito tempo juntos. Salientou ainda que é a irmã mais velha que participa neste tipo de atividades, *conta histórias, brinca com ele, vê bonecos*.

Relatou, também, que foi duas vezes contactada pela psicóloga em conjunto com a educadora, sendo que na primeira vez fizeram-lhe uma entrevista onde perguntaram todo o seu histórico de vida e, pela segunda vez, deram-lhe um *feedback* da evolução da criança, frisando que o seu desenvolvimento está no bom caminho.

Por fim, a mãe, concorda com a opinião da educadora, referindo que nota uma grande evolução na criança e o mesmo se verifica em casa.

3. Entrevista à psicóloga

De acordo com os dados recolhidos, a psicóloga afirmou ser licenciada em psicologia clínica e ter 10 anos de serviço. Iniciou o seu percurso profissional com a integração num projeto de desenvolvimento social no qual avaliava e apoiava,

psicologicamente, crianças e pais; intervinha a nível psicossocial com famílias carenciadas e dinamizou formações que *incluíram pais com filhos adolescentes e pais com crianças mais pequenas*. Mais tarde, começou a colaborar num centro de acolhimento temporário. Esta cooperação englobava avaliação/intervenção com as crianças e as suas famílias, a articulação com outros técnicos de serviços (segurança social, CPCJ [comissão de proteção de crianças e jovens] e tribunal). Por fim, colaborou *com a Casa dos Pequenos (...) dispondo de um dia por semana para esse apoio*. Questionada sobre o conhecimento sobre a área da linguagem, referiu ter apenas formações complementares mais gerais sobre o desenvolvimento infantil.

No que diz respeito à estrutura familiar, a psicóloga acrescentou que esta família *funcionava muito à base das rotinas diárias e prestação dos cuidados básicos* e que o ambiente familiar era pouco estimulante, *(n)ão por desinteresse ou negligência, mas é uma família com três crianças, sem retaguarda familiar*. Face a estes pressupostos, convirá notar, conforme Castro e Gomes (2000), que as dificuldades normais de linguagem podem ser acentuadas caso a criança se encontre num meio que não favoreça a sua expressão verbal. Visto que as palavras não surgem do nada, é necessário uma exposição a novas palavras para que haja uma expansão do vocabulário da criança. Conclui-se, de acordo com os autores, que o ambiente familiar pouco estimulante foi um dos fatores que dificultou o desenvolvimento da linguagem desta criança.

Em relação às línguas faladas, a psicóloga afirma que a criança é bilingue, pois tem *as duas línguas* e que os pais alternam o português com o moldavo. Além disso, convirá notar, conforme Sim-Sim (1998), que considera bilingue o sujeito que é fluente no uso de duas línguas, seja porque esteve exposto a ambas desde o nascimento (o chamado bilinguismo da raíz), seja porque a partir de um certo momento, na idade pré-escolar, maioritariamente, na idade escolar, teve que funcionar noutra língua que não a língua materna inicial. Porém, Hagége (1998) refere que um sujeito bilingue alterna duas línguas, de uma frase a outra frase ou, numa mesma frase, de uma a outra das suas partes (alternância de códigos). Com os fundamentos destes dois autores não se pode considerar o João como uma criança bilingue, pois não falava fluentemente as duas línguas como já tinha sido referido na sua caracterização anteriormente, muito menos alternava as duas línguas no seu discurso.

Foi pedido à psicóloga a descrição de algumas características do João, pelo que a mesma referiu que o desenvolvimento estatístico ponderal do João estava de acordo com o esperado, ou seja, o seu desenvolvimento encontrava-se dentro dos valores-padrão,

designado por curvas de percentis, existentes no livro de saúde infantil. Mencionou, também, ser uma criança calma, passiva e de fácil contacto, pelo que revelava uma boa adaptação quer seja a pessoas como a ambientes desconhecidos. Era uma criança pouco expressiva, *tanto a nível de expressão verbal como expressões faciais*. No entanto, estava sempre alegre, apresentando, por vezes, um humor eufórico. Tinha uma boa relação com os adultos e os pares e o seu comportamento era estável. A entrevistada mencionou ainda que o contacto visual com a criança era fácil de estabelecer, embora não fosse prolongado e que apresentava imaturidade emocional e intelectual, assim como défice em algumas áreas, nomeadamente na preceptivo-manipulativa, na memória auditiva, visual e verbal. Do tempo passado com o João, pude confirmar as características descritas pela psicóloga. Uma das maiores dificuldades sentidas ao contactar com esta criança foi exatamente por ser pouco expressiva, pois, inicialmente, pouco se manifestava verbalmente, o seu discurso era pouco perceptível e as suas expressões faciais indecifráveis.

Em relação à caracterização da linguagem do João, a psicóloga afirmou que o desenvolvimento da sua linguagem estava abaixo do esperado para a sua faixa etária, sendo esta “abebezada”, comparativamente a uma criança com idade entre os 2 e os 3 anos. Castro e Gomes (2000) definem atraso como um retardamento das várias fases ao longo da dimensão temporal. Segundo a mesma respondente, a criança demonstrava dificuldade de articulação de alguns sons e o seu discurso era difícil de compreender, as suas frases eram curtas e não usava pronomes. Demonstrava também dificuldade na reprodução de *histórias, acontecimentos passados/do seu dia-a-dia, canções e rimas*. Com todos estes pressupostos, a técnica associou, inicialmente, o seu atraso na linguagem ao facto de ser tratar de uma criança bilingue, uma vez que estas *demonstram alguma dificuldade na aquisição da língua mas ao fim de algum tempo, começam a falar na perfeição*. Neste caso específico, a criança continuou a demonstrar dificuldades na aquisição da linguagem. Outro fator a ter em conta, é o facto de a criança ter iniciado tardiamente a linguagem, após os 2 anos, sendo este um sinal de alarme para um possível atraso no seu desenvolvimento. Segundo Peixoto (2007), o facto de a criança aos 24 meses de idade dizer poucas palavras não implica necessariamente que tenha uma perturbação de linguagem, pode tratar-se, apenas de um falante tardio, que, mais tarde e sem qualquer intervenção, acabará por desenvolver a sua linguagem. No entanto, salienta, também que todas as crianças com perturbações de comunicação/linguagem têm um desenvolvimento de linguagem tardio. O mesmo autor (2007) também afirma

que alguns dos problemas de linguagem poderiam ser prevenidos ou melhor ultrapassados quando estes sujeitos recebem intervenção antes dos três anos de idade. Um dos aspetos que caracteriza crianças com este tipo de dificuldade é a sua capacidade de atenção ser diminuta. A psicóloga realça que era necessário a utilização de diversas estratégias para captar a sua atenção ou, até mesmo, mudar as atividades. Isto acontecia porque o João pouco compreendia do que lhe era dito, pelo que o seu interesse pela realização das atividades era pequeno. Por vezes, a simples mudança de estratégia captava a sua atenção, mas apenas por breves momentos. Facto este que também pode estar diretamente relacionado com o seu atraso no desenvolvimento a nível cognitivo. Peixoto (2007) refere que o desenvolvimento da atenção constitui um dos principais marcos para a identificação precoce de crianças com problemas de comunicação. Salienta, ainda, ser necessário que a criança desenvolva a capacidade de manter a atenção coordenada, de maneira a que consiga alternar o seu foco entre pessoas, objetos e símbolos, ao mesmo tempo que se dá uma troca comunicativa.

Quando questionada relativamente ao seu acompanhamento para com a criança, a psicóloga referiu que este não foi direto, pelo que apenas o avaliou e definiu estratégias, além da articulação realizada entre as diversas parcerias que participaram em todo o processo, nomeadamente a equipa da intervenção precoce. É de salientar que o João só começou a receber acompanhamento dos elementos desta equipa após o fim da PES, razão pela qual não constam neste estudo.

A psicóloga começou por explicar todo o processo, explicando que a educadora começou por sinalizar a criança ao verificar que não havia evoluções da sua parte a nível da linguagem e do desenho. Nesta medida, a psicóloga observou a criança em contexto de sala, realizou uma entrevista à educadora assim como um questionário sobre as suas características. Posteriormente, entraram em contato com os pais da mesma, realizando uma entrevista anamnésica, com o *intuito de recolher informação e sensibilizando para a necessidade de avaliação/intervenção*. Após a obtenção do consentimento por parte dos pais, foi realizada uma avaliação do desenvolvimento da criança com o objetivo de analisar todas as áreas para definir o nível etário em que a criança se encontra em cada uma delas. Por último, a psicóloga faz o *encaminhamento da criança para a equipa de intervenção precoce, constituída por educadora, enfermeira, terapeuta da fala e terapeuta ocupacional, que se encarregarão de avaliar e estabelecer um plano terapêutico para a criança*. Todo este processo vai ao encontro das ideias de Castro e Gomes (2000), referindo que o educador desempenha um papel

crucial na detecção precoce e que o pode fazer a partir do que conhece da criança, assim como do seu conhecimento acerca deste tema que vai evoluindo com a sua prática docente. Nos casos mais graves, ou quando as dificuldades persistem e não respondem favoravelmente à intervenção dentro da sala, o educador recomenda uma intervenção adicional. Esta poderá consistir na consulta e, eventualmente, tratamento por especialistas de outras áreas, como a consulta psicológica, a consulta médica, ou a terapia da fala; ou poderá consistir numa intervenção psicopedagógica específica. Neste caso, a educadora, em conjunto com a psicóloga, encaminharam a criança para a intervenção precoce.

Foram facultadas algumas estratégias para serem utilizadas pela educadora na sala, tais como *o conto/reconto de histórias e o relato de situações da vida quotidiana, nomeação de objetos, sequência de histórias, com vista a aumentar o vocabulário e melhorar o seu discurso* e ainda *estratégias para estimular a psicomotricidade como a construção de puzzles, noções matemáticas, cálculo/seriação, cópia de figuras geométricas, labirintos, pintura/contorno de figuras*. Com o mesmo objetivo, definiu também estratégias para os pais da criança, de modo a que fossem proporcionados momentos de atenção mais individualizada e de estímulo, sendo estas o brincar juntamente com a criança, o incentivo à realização de jogos didáticos, a elaboração de alguns exercícios de estimulação específicos, tais como o desenho, a pintura e os puzzles. Relativamente à linguagem, também foram definidas técnicas neste sentido, tais como o conto de uma história à noite, a correção de algumas dificuldades no discurso, fazendo com que a criança aumente o seu vocabulário oral e se expresse verbalmente.

A psicóloga realça, ainda, que ao falar com a mãe explicou-lhe os resultados da avaliação, tentando sensibilizá-la *para a importância da sua colaboração no dia-a-dia da criança*. Inicialmente, os pais do João ficaram reticentes relativamente à situação, com medo do rótulo na criança. Daí surgir a necessidade de desmistificar a situação e fazendo entender que mais um ano no pré-escolar seria benéfico para o seu desenvolvimento e para a aquisição de novas aprendizagens.

A psicóloga, por seu turno, refere que a evolução foi muito lenta, pelo que surgiu a necessidade de propor um adiamento escolar. Neste ano de adiamento, a criança foi para o pré-escolar público pelo que não se sabe o seu estado de desenvolvimento. A única informação existente é que continua a ser acompanhado pelos técnicos da intervenção precoce. Refere, ainda, que até aos 5 anos a evolução não foi muito significativa, apesar

das colaborações da mãe e da educadora. No entanto, frisa, também, que não devemos desvalorizar as suas pequenas evoluções, mas sim valorizá-las perante a criança. Esta discrepância de opiniões leva a subentender que as pessoas que são mais próximas da criança verificam evoluções, enquanto a psicóloga por não estar todos os dias em contacto determina que a sua evolução foi lenta.

Considerações finais

Como já mencionadas anteriormente, a linguagem e a comunicação ocupam um lugar privilegiado na educação pré-escolar. Para que se desenvolvam de uma forma progressiva, é imprescindível a criação de climas de comunicação e diálogo.

No final desta investigação, após termos pesquisado algumas fontes teóricas, de termos analisado os dados recolhidos, cabe-nos, agora, apresentar nesta parte do trabalho as conclusões a que chegámos durante esta caminhada investigativa, após a construção de saberes que permitiram ampliar o conhecimento acerca do processo envolvente entre uma criança com atraso de linguagem e os elementos da sua equipa educativa.

Quanto às questões de investigação suscitadas, no que respeita à primeira pergunta, que pretendia identificar qual o papel do educador face a uma criança com atraso de linguagem, deve-se ter o cuidado de não esquecer que o educador é um importante agente de socialização da criança, tendo um importante papel na construção da sua identidade social e individual. Segundo Sim-Sim (1997) embora a compreensão do oral e a sua expressão estejam intimamente relacionadas, em termos de desenvolvimento, a primeira precede sempre a segunda. Por outras palavras, ao adquirir linguagem, a criança compreende primeiro e só posteriormente produz o que já é capaz de compreender.

Quando uma criança apresenta sinais de alarme relativos ao desenvolvimento da sua linguagem, o educador deve sinalizar o caso. Através da recolha de dados, comprovámos que a educadora assim o fez para além de dar um acompanhamento mais individualizado. Pode-se dizer que ao criar situações que propiciem o aumento lexical no contexto de uma interação significativa, o educador está simultaneamente a partilhar e a incentivar a descoberta do mundo pela criança e a contribuir para o seu desenvolvimento.

No entanto, quando estes pressupostos não são suficientes e não se verificam evoluções por parte da criança, surge a necessidade de pedir a colaboração de outras entidades da equipa educativa, o que nos remete à segunda questão de investigação: saber qual a intervenção do educador com outras entidades (família/instituição) perante uma criança com atraso de linguagem. Com os dados recolhidos e após alguma pesquisa bibliográfica, podemos concluir que a deteção precoce é de extrema importância nestas

situações e ninguém melhor que o educador para a efetuar. Com a elaboração deste trabalho, permitiu-se obter uma percepção mais real e ampla sobre todo este processo. Podemos, também, observar que a educadora da sala sinalizou a criança, que apresentava atrasos a nível da linguagem e do desenho. Iniciou, aqui, o seu trabalho colaborativo com a psicóloga da instituição que, após um questionário e a observação em contexto de sala, definiu algumas estratégias a serem trabalhadas, tanto no jardim de infância como em casa. No entanto, como se pode verificar, a psicóloga não tem conhecimentos na área da linguagem para fundamentar estas estratégias.

É na educação pré-escolar que resulta o primeiro contato com uma realidade educativa com as crianças e os familiares, a qual é culminada entre todos os elementos que fazem parte do processo educativo, educadores, famílias, crianças e comunidade educativa. Face a toda esta ligação, o sucesso na aprendizagem educacional só é possível perante a participação de todos os intervenientes. Neste sentido, a participação da família em todo este processo é substancial, não descurando o facto de que as famílias desempenham um papel fulcral na vida das crianças ao fornecer um vasto conjunto de saberes, princípios e regras.

Começa aqui a cooperação entre as entidades da equipa educativa.

É de lamentar que a criança tenha mudado de instituição e que se tenha perdido o conhecimento acerca deste processo, pois teria sido interessante conhecer as suas evoluções até à data da realização das entrevistas.

Como limitações do estudo, refere-se a falta de tempo durante a PES para uma melhor interação com esta criança, assim como a intervenção da educadora junto da mesma. Teria sido uma mais valia observar estes momentos, mas tal não nos foi possível pois aquando da realização da PES a técnica não intervinha para não interferir na nossa interação com o grupo de crianças e devido ao horário das restantes unidades curriculares do mestrado, não nos era possível continuar na instituição para realizar esta observação. Após a conclusão deste estudo e ao rever os guiões das entrevistas, sentiu-se a necessidade de introduzir novas perguntas para complementar algumas informações.

Antes de terminar, deve-se referir um aspeto menos positivo verificado com este estudo. Se o João tem antecedentes com atraso na linguagem e desde os dois anos que apresentava sinais de alarme, deveria ter sido sinalizado mais cedo e não aos quatro anos de idade. Por outro lado, desconhece-se a data da sua entrada para o jardim de infância.

Por fim, conclui-se que a educação deve ser uma responsabilidade partilhada entre a família, os educadores e a instituição e que o trabalho realizado na educação pré-escolar só fará sentido se as práticas familiares forem coerentes e articuladas com todo o processo. É ainda de salientar que as diferenças entre estes dois sistemas (escola e família) não anulam a existência de objetivos comuns, pressupondo-se a necessidade de uma estreita colaboração.

Com a realização deste relatório, inúmeras foram as aprendizagens realizadas a nível prático, pessoal e profissional, que permitem iniciar a construção da identidade profissional e sinto-me um pouco mais realizada ao adquirir mais conhecimentos sobre uma área interessante do meu ponto de vista. A nível profissional e como futura educadora, forneceu-me pistas para desenvolver uma boa prática pedagógica. Não obstante, os conhecimentos na área da linguagem (assim como nas outras) nunca são de mais.

Quanto às sugestões de continuidade, sendo este um tema importante e interessante para a área da educação, sugeria a continuação do estudo, entrevistando também os elementos da intervenção precoce e acompanhando as evoluções do João até à entrada no 1.º ciclo e/ou a criação de estratégias para o desenvolvimento da sua linguagem e a análise dos seus progressos.

Referências bibliográficas

- BARDIN, L. – *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Edições 70: 2009
- BRUNER, J. – *Como as crianças aprendem a falar*. Lisboa. Horizontes Pedagógicos: 2007
- CARMO, H. & FERREIRA, M.M. – *Metodologia de Investigação*. Lisboa. Universidade Aberta: 1988
- CASTRO, S. L. & GOMES, I. – *Dificuldades de aprendizagem da língua materna*. Lisboa. Universidade Aberta: 2000
- DUARTE, I. – *Língua Portuguesa*. Lisboa. Universidade Aberta: 2000
- FRANCO, M.G., REIS, M. J. & GIL, T - *Comunicação, Linguagem e Fala – Perturbações específicas da Linguagem em Contexto Escolar* – Lisboa. Ministério da Educação: 2003
- HAGÈGE, C. – *A criança de duas línguas*. Lisboa. Horizontes Pedagógicos:1998
- HORTA, M. – *A abordagem à escrita na educação pré-escolar – que realidade?* Penafiel. Editorial Novembro: 2007
- MATTA, I. – *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Lisboa. Universidade Aberta: 2001
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - *Orientações Curriculares da Educação Pré-escolar* – Lisboa. Editorial do Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica: 1997
- PEIXOTO, V. – *Perturbações de Comunicação – a importância da deteção precoce*. Edições Universidade Fernando Pessoa. Lisboa: 2007
- QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. – *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa. Gradiva: 2003
- RAPOSO, N.; BIDARRA, M. & FESTAS, M. – *Dificuldades de desenvolvimento e aprendizagem*. Lisboa. Universidade Aberta: 1998
- REBELO, D.; MARQUES, M. J. & COSTA, M. L. – *Fundamentos da didática da língua materna*. Universidade Aberta. Lisboa: 2000
- OBLER, L.; GJERLOW, K. – *A linguagem e o cérebro*. Lisboa. Instituto Piaget: 2002
- OSTERRIETH, P. – *Introdução à psicologia clínica da criança*. Brasil. Atualidades pedagógicas: 1980

SIM-SIM, I. – *A língua materna na educação básica – competências nucleares e níveis de desempenho*. Lisboa. Reflexão participada: 1997

SIM-SIM, I. – *Desenvolvimento da linguagem*. Universidade Aberta. Lisboa: 1998

SIM-SIM, I.; SILVA, A. C.; NUNES, C. – *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-infância. Textos para educadores de infância*. Lisboa. Ministério da Educação: 2008

- Referências digitais

VITTO, M. & FERES, M. – *Distúrbios da comunicação oral em crianças*. Vol. 8: 2005 [consult. Setembro 2013]

Disponível

em

www.revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n3e4/1_disturbios_comunicacao.pdf

Anexo I – Guião de entrevista à educadora

Tema: O papel do educador perante uma criança com atraso de linguagem.

Objetivo geral: Compreender o envolvimento do educador face a uma criança com atraso de linguagem.

| Determinação dos blocos | Objetivos específicos | Formulário de questões |
|---|---|--|
| <p style="text-align: center;">BLOCO A</p> <p style="text-align: center;">Legitimação da entrevista</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista • Motivar a educadora • Utilizar as informações recolhidas | <ul style="list-style-type: none"> ○ Informar, em linhas gerais, o objetivo do estudo: o papel do educador perante uma criança com atraso de linguagem. ○ Certificar a confidencialidade da educadora. ○ Pedir a sua colaboração, salientando a importância desta. ○ Assegurar a confidencialidade das declarações prestadas. ○ Pedir autorização para gravar em áudio. |
| <p style="text-align: center;">BLOCO B</p> <p style="text-align: center;">Recolha de dados biográficos da educadora</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Elaborar uma breve caracterização sobre a educadora | <p>Pedir à educadora que fale sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> - As suas habilitações literárias; - Os seus anos de serviço; - O seu percurso profissional. <p>Questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Para começar, gostaria de saber quais as suas habilitações literárias. - Quanto tempo tem de serviço? - Descreva-me o seu percurso profissional. - Ao longo da sua formação inicial, adquiriu conhecimentos na área da linguagem? |

| | | |
|--|--|---|
| | | - Realizou alguma formação específica nesta área? |
| <p>BLOCO C</p> <p>Compreensão do quadro de desenvolvimento</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Compreender a perspectiva da educadora face ao quadro de desenvolvimento da criança. | <p>Solicitar à educadora que fale sobre a criança face à qual vai ser desenvolvido o estudo.</p> <p>Questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quais foram as características mais evidentes no processo avaliação/diagnóstico da criança? - Como caracteriza a sua linguagem? - E a sua capacidade de atenção? - Sendo uma criança com dificuldades de expressão a nível de linguagem, como considera ser o seu relacionamento social com as outras crianças? |
| <p>BLOCO D</p> <p>Compreensão do contexto familiar</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Compreender o contexto familiar da criança | <p>Solicitar à educadora que fale sobre o contexto familiar da criança</p> <p>Questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Segundo o seu conhecimento, que oportunidades tem a criança, em casa, de desenvolver a sua linguagem? - Sabe se existe mais alguém na família nuclear com este tipo de dificuldade? - Que tipo de relação acha que a criança estabelece com os irmãos? |

| | | |
|---|---|---|
| <p>BLOCO E</p> <p>Intervenção da educadora junto dos pais</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Compreender o modo de intervenção da educadora junto dos pais | <p>Solicitar à educadora que explique o seu modo de intervenção junto dos pais da criança.</p> <p><u>Questões:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Exerce algum tipo de intervenção ou trabalho colaborativo com os pais da criança? - Em que consiste? |
| <p>BLOCO F</p> <p>Intervenção da educadora junto da criança</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Compreender a intervenção da educadora junto da criança | <p>Pedir à educadora que fale sobre a sua ação junto da criança.</p> <p>Questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Durante o decorrer das atividades, que estratégias direciona para essa criança? - Quantas vezes por semana? - São notórias evoluções por parte da criança? Se sim, quais? - Que tipo de trabalho colaborativo desenvolve com a psicóloga que acompanha a criança? |

Anexo I.a – Protocolo da entrevista à educadora

Ent.: Boa tarde! Estou a frequentar, como sabe, o curso de mestrado em educação pré-escolar, na Universidade do Algarve, e no âmbito da unidade curricular de prática de ensino supervisionada, foi-me solicitado um relatório de investigação cujo tema será o papel do educador perante uma criança com atraso de linguagem. Como tal, solicito a sua colaboração de modo a conhecer o envolvimento de um educador face a uma situação de uma criança com atraso de linguagem. As informações recolhidas manter-se-ão confidenciais e serão usadas, única e exclusivamente, para o fim deste relatório. Peço então autorização para gravar a entrevista.

Suj.: Está concedida a autorização.

Ent.: Para começar, gostaria de saber quais as suas habilitações literárias.

Suj.: Portanto as minhas habilitações literárias, tenho a licenciatura em educação de infância... ah, tenho a especialização em educação especial e estou a frequentar o mestrado... ah de psicologia de reabilitação também com especialização em educação especial.

Ent.: E quantos anos tem de serviço?

Suj.: Tenho 11 anos de serviço, vou entrar em setembro no 12.º ano... de serviço.

Ent.: Faça-me uma pequena descrição do seu percurso profissional.

Suj.: Ah... o meu percurso profissional iniciou na Casa Nova, tive 3 anos em creche e.. e jardim de infância, depois... eu vim para aqui, para onde estou agora, para esta instituição e já estou aqui portanto há... 8 anos.

Ent.: Além da sua formação inicial, adquiriu conhecimentos na área da linguagem?

Suj.: Ah... Sim! Na formação inicial nós fizemos alguma... uma cadeira em que falámos... ah... das dificuldades da... crianças com dificuldade de aprendizagem onde também referíamos crianças com dificuldades de... de aquisição da linguagem.

Ent.: Ah... Realizou alguma formação específica nessa área?

Suj.: Hmm... não propriamente... não. Ah... mesmo a nível só da linguagem não. Foi-nos dada algumas informações na formação inicial, agora na especialização falámos também mas... ah especificamente, mais concreto na linguagem não tivemos ... ah nada. Tudo mais em geral.

Ent.: Agora em relação... ah... agora o meu objetivo com o bloco c será compreender a perspectiva da... da educadora face ao quadro de desenvolvimento da criança. Quais foram as características mais evidentes no processo avaliação / diagnóstico da criança?

Suj.: Esta criança... ah portanto a criança em causa e vamos falar especificamente dela neste caso... é uma criança cujos pais são moldavos, tem uma irmã mais velha e uma irmã mais nova. Portanto é o irmão do meio, digamos assim. Ah... os pais, principalmente o pai fala, muitas vezes, em moldavo lá em casa. Ah... a mana mais velha também, penso que é a linguagem que ela utiliza mais. Daí talvez a criança sentir algumas dificuldades depois na aquisição da nossa língua, porque é uma criança que está, ao mesmo tempo, a aprender duas línguas. E... talvez isso esteja a fazer alguma confusão... também... também na cabecinha dela.

Ent.: Hmm... hmm... Como caracteriza a sua linguagem?

Suj.: É uma linguagem que... ah... ah no início, é... é quase não se conseguia caracterizar muito porque ele não dizia quase nada. [risos] Ele ficava muito caladinho... ah... depois... nós começámos a trabalhar mais com ele, a tentar dar-lhe mais acompanhamento e ele começou a repetir tudo aquilo que nós dizíamos e pronto ele até articulava as... as palavras de uma forma organizada e... e correta. Só que... que era digamos uma repetição. Acho que ao repetirmos talvez alguma vez ele compreendesse bem aquilo que ele estava a dizer. Neste momento continua a repetir mas também já ele próprio faz as suas frases e já se expressa... já... pronto teve uma evolução, quanto a mim, bastante favorável. Mas ainda precisa de ser muito mais trabalhado.

Ent.: E a sua capacidade de atenção?

Suj.: ah... a sua capacidade de atenção é muito relativa. Se ele estiver... Portanto se todo o grupo estiver a trabalhar ele concentra-se e faz a sua atividade tal como os outros amiguinhos. Mas se há algumas crianças que vão para os espaços, algumas vezes mas também nem sempre... algumas vezes... ah ele distrai-se do que está a fazer e também quer ir para os espaços. Outras vezes, se a atividade está a motivá-lo mesmo muito ele até... ah continua e consegue chegar ao fim da atividade.

Ent.: Sendo uma criança com dificuldades de expressão a nível de linguagem, como considera ser o seu relacionamento social com as outras crianças?

Suj.: Acho que é um bom relacionamento, porque nem sempre a linguagem verbal é a linguagem essencial para o relacionamento das crianças, elas comunicam também de outras formas entre elas. Ah... ele integrou-se bem e... gosta de brincar com vários

amiguinhos e acho que a linguagem nunca foi impedimento para a integração dele no grupo... de brincadeiras.

Ent.: Agora gostaria de compreender melhor o contexto familiar da criança. Segundo o seu conhecimento, que oportunidades tem a criança em casa de desenvolver a sua linguagem?

Suj.: Pois, aí está então a nossa dúvida. É que... se em casa o pai falar com ele em moldavo ele vai ter algumas dificuldades em desenvolver mais o português. Acho que é a mãe que mais se esforça, e a mãe fala corretamente o português, é a mãe que mais se esforça para trabalhar com ele a nível da nossa língua, do português. Mas tem um inconveniente, é que a mãe trabalha à noite. E como à noite, ele fica com o pai e com o irmão, a irmã, as irmãs aliás, há sempre ali aquele pequeno entrave de... pronto o pai fala, mas o português do pai é um português assim muito... ah... muito básico. O pai diz algumas palavras e são assim um bocado puxadas [risos]. Em casa acredito que ele deva falar em moldavo com... com os miúdos. A mãe é que fala corretamente o português e ela quando está com ele, ela fala só... e com eles todos, só em português. Mas pronto, como ela à noite não está em casa que é o momento do jantar, do banho, o momento de partilha em família a mãe está ausente.

Ent.: Sabe se existe mais alguém na família nuclear com este tipo de dificuldade?

Suj.: Ah... nós reunimos com a mãe no ano passado, no fim do ano e depois este ano, no início do ano para saber até ... pronto, para saber, para perceber aquela dificuldade e... a mãe disse que o pai e o avô do lado do pai também quando crianças tiveram alguma dificuldade na aquisição da linguagem e ela... pronto acabou por dizer que achava que se calhar essa dificuldade seria um pouco... ah de família, que seria genética, que... não seria apenas pelo facto de serem duas línguas mas talvez tivesse também uma descendência genética.

Ent.: Que tipo de relação acha que a criança estabelece com os irmãos?

Suj.: É boa. Eles são muito amiguinhos uns dos outros... são! A... a mana mais velha, e como a mãe à noite não está em casa, acho que a mana mais velha faz um bocado o papel de mãe. Tem 12 ou 13 anos a menina, mas é muito protetora dele. E faz em casa o papel de mãe à... ao serão. E a mais pequenina... pronto é um doce [risos]... é amorosa e ele também é para as manas ... tem um relacionamento mesmo a nível de família em geral, a mãe, o pai são pessoas extremamente simpáticas e... pronto muito... muito dadas... aceitam bem qualquer situação. Por exemplo, podiam não ter aceitado bem esta situação de nós estarmos a achar que o menino não estava bem, mas ela não, ela

predispôs-se logo em fazer exames, em marcar consulta. Nós no início do ano reunimos com a psicóloga... ah e aconselhamos, podia haver ali um problema auditivo também e ela dispôs-se logo em ir ao centro de saúde, marcou consulta de família... portanto no médico de família... ah solicitou o encaminhamento para um exame de audição. Resta saber... No primeiro deu a hipótese de haver algum défice auditivo e como a pessoa que fez, portanto o doutor que fez ficou com algumas dúvidas, encaminhou-o para um outro exame mais específico que ela mais tarde foi fazer e nesse exame o resultado... ah foi que estava tudo bem, que esse défice que se pôde avaliar no outro exame pode ter estado relacionado com uma otite mal curada mas para fazer muita praia agora no verão, talvez ficasse resolvido esse problema. São líquidos que ficam dentro do ouvido e depois com a praia consegue-se eliminar. E pronto... ah à partida ficou despistado a situação de... de falta de ouvido. Mas indo por aí, o facto de ele estar a desenvolver muito a língua... porque ele agora está melhor, fala pelos cotovelos, não é? [risos] Mas pronto, o relacionamento familiar acho que é... é muito bom.

Ent.: Em relação à sua intervenção junto dos pais, exerce algum tipo de intervenção... trabalho colaborativo com os pais da criança?

Suj.: Ah... sim, temos tentado sempre desde o início, desde que detetámos que haveria ali alguma dificuldade na linguagem, tentámos sempre colaborar com a psicóloga e depois com o centro de saúde, tentámos sempre acompanhá-los e... encaminhá-los para o que fosse necessário.

Ent.: E em relação à sua intervenção junto da criança, durante o decorrer das atividades que estratégias direciona para essa criança?

Suj.: Nós tentamos sempre que ele fique integrado nas... nas atividades de todo o grupo, no entanto... em grande parte das atividades tentamos dar um... um acompanhamento mais individualizado para que ele consiga atingir os mesmos objetivos naquela atividade que as outras crianças também se propõem atingir. Ah... agora... neste momento, ele já sozinho já praticamente tem conseguido chegar lá... mas no início do ano e no fim do ano anterior tentámos acompanhá-lo mais de perto.

Ent.: E quantas vezes por semana é que isso acontecia?

Suj.: Não é propriamente dias por semana, mas em todas as atividades que são feitas tentamos sempre estar um pouco mais atentas, também aos outros claro, mas mais a ele ainda porque ela a criança que tínhamos ali que demonstrava mais dificuldade.

Ent.: São notórias evoluções por parte da criança?

Suj.: Sim... sim... bastantes.

Ent.: Quais?

Suj.: Ah... A nível de empenho dele nas atividades, ele nem sequer queria agarrar nos lápis, como achava que se calhar não ia conseguir fazer ou... havia ali qualquer coisa que estava a incomodá-lo ele nem agarrava nos lápis. Ele ia buscar a nossa mão para agarrar na mão dele para depois ele fazer. Eu acho que devia ser o que a mana dele fazia em casa e ele depois queria fazer o mesmo, mas depois ele... acho que descobriu ele próprio que era capaz, começou...ah com muito entusiasmo a fazer as atividades e já vai buscar os lápis, vais buscar a ... a folha de papel. Ele próprio tem autonomia para ir buscar, faz, vai guardar na... na capinha dele e... pronto, houve uma evolução nesse aspeto. A nível da linguagem também, ele dizia algumas palavras e era só às vezes, começou a repetir aquelas que nos dizíamos e depois começou ele próprio a fazer as suas próprias frases também.

Ent.: Que tipo de trabalho colaborativo exerce com a psicóloga que acompanha esta criança?

Suj.: Temos realizado um trabalho em conjunto, ela também tem feito alguns testes com ele, tem... acompanhado, portanto, a evolução dele. Tem transmitido a mim algumas estratégias de intervenção a nível da sala e temos seguido os pais, a psicóloga e a mãe e o pai e estado encaminhá-los para... as entidades também competentes nessa área, inclusivamente... ah ela está à espera de saber resposta da terapeuta da fala do centro de saúde. Foi feito o pedido com o parecer tanto da psicóloga e o meu, educadora, para que se possa disponibilizar alguns tempos durante a semana de terapia da fala no centro de saúde... E esperamos que no próximo ano seja concedido. Este ano não foi, mas para o ano espero que sim e inclusivamente estamos a tentar, se se conseguir que é, em princípio deste Setembro a um ano ele entra para a escola, que ele faz anos a meio de Setembro. É obrigatório, portanto entrar para a escola, mas vamos tentar que se a evolução não corresponder às nossas expectativas se consiga adiar a entrada dele para a escola, para que ele consiga desenvolver mais a sua linguagem. Porque no ensino pri... no ensino básico a linguagem será promotora de todo o sucesso... ah e então vamos tentar... se ele mais um ano para que ele consiga atingir objetivos ainda mais altos.

Ent.: Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Suj.: [Hesitação] Pois, se acrescentar será só que... penso que teve o empenho, não só por parte de nós, associação, mas também por parte dos pais, um grande empenho e tem havido uma articulação muito boa. Só... a criança só tem a beneficiar com esta

articulação de... de técnicos, família e instituição. Tem sido bom nesse aspeto, não temos encontrado nenhuns entraves. Às vezes acontece encontrarmos alguns entraves, neste caso o processo até tem decorrido... hmm pronto, não é logo, logo quando nós queremos porque a nível de centro de saúde demora sempre algum tempo mas pronto, tem-se conseguido as coisas e...tenho esperança que tenhamos algum sucesso. E é tudo....

Ent.: Então pronto, quero agradecer pela sua colaboração e pelo tempo que dispensou para esta entrevista...

Suj.: De nada, esteja sempre ao dispor...

Anexo I.b – Primeiro tratamento da entrevista à educadora

[Habilitações literárias] (...) *tenho licenciatura em educação de infância, (...) especialização em educação especial (...) estou a frequentar o mestrado de psicologia de reabilitação (...) com especialização em educação especial.*

[Anos de serviço] (...) *tenho 11 anos de serviço (...).*

[Percurso profissional] (...) *iniciou na Casa Nova, tive 3 anos em creche e jardim de infância (...)*

(...) *depois (...) vim (...) para esta instituição (...) há 8 anos.*

[Conhecimentos na área da linguagem] *Na formação inicial (...) fizemos (...) uma cadeira em que falámos (...) de crianças com dificuldades de aprendizagem onde também referíamos crianças com dificuldades de (...) aquisição da linguagem.*

[Quadro familiar da criança] (...) *pais são moldavos, tem uma irmã mais velha e uma irmã mais nova (...) o pai fala, muitas vezes, em moldavo lá em casa. A mana mais velha também (...).*

(...) *é uma criança que está, ao mesmo tempo, a aprender duas línguas (...).*

[Quadro de desenvolvimento da criança] (...) *no início, (...) ele não dizia quase nada (...) ficava muito caladinho (...).*

(...) *começou a repetir tudo aquilo que nós dizíamos e (...) articulava as palavras de uma forma organizada e correta (...).*

(...) *continua a repetir mas também já ele próprio faz as suas frases e já se expressa (...).*

[Capacidade de atenção] *é muito relativa (...) se (...) algumas crianças (...) vão para os espaços (...) distrai-se do que está a fazer e também quer ir (...) se a atividade está a motivá-lo mesmo muito (...) continua e consegue chegar ao fim (...)*

[Relacionamento com outras crianças] *(...)nem sempre a linguagem verbal é a linguagem essencial para o relacionamento das crianças, elas comunicam também de outras formas entre elas.*

(...) a linguagem nunca foi impedimento para a integração dele no grupo.

[Quadro familiar da criança] *(...) se em casa o pai falar com ele em moldavo (...) vai ter algumas dificuldades em desenvolver mais o português.*

(...)[a mãe] fala corretamente o português (...) trabalha à noite (...) [a criança] fica com o pai e com as irmãs (...) [o pai] (...) o português é muito básico. (...) acredito que ele deva falar em moldavo com os miúdos.

(...) o momento de partilha em família a mãe está ausente.

(...) o pai e o avô do lado do pai também quando crianças tiveram alguma dificuldade na aquisição da linguagem.

(...) [os irmãos] são muito amiguinhos uns dos outros (...)

(...)a mana mais velha faz um bocado o papel de mãe. (...) é muito protetora dele.

(...) [os pais] são pessoas extremamente simpáticas e (...) muito dadas.

[Construção do quadro clínico da criança] *(...) [a mãe] predispôs-se (...) em fazer exames (...) podia haver ali um problema auditivo e (...) predispôs-se logo a ir ao centro de saúde.*

(...) o médico (...) solicitou o encaminhamento para um exame de audição. (...) no primeiro deu a hipótese de haver algum déficit auditivo (...) o doutor (...) encaminhou-o para um exame mais específico (...) estava tudo bem.

[Intervenção da educadora com os pais] (...) tentámos sempre colaborar com a psicóloga e depois com o centro de saúde.

[Intervenção da educadora com a criança] (...) tentamos sempre que ele fique integrado nas atividades de todo o grupo (...) tentámos dar um acompanhamento mais individualizado para que (...) consiga atingir os mesmos objetivos (...) que as outras crianças (...)

[Evoluções verificadas na criança] (...) Sim... bastantes.

(...) nem sequer queria agarrar nos lápis (...) Ele ia buscar a nossa mão para agarrar na mão dele para depois fazer. (...) descobriu ele próprio que era capaz, começou (...) com muito entusiasmo a fazer as atividades.

(...) Ele próprio tem autonomia para ir buscar, faz, vai guardar na capinha dele (...) houve uma evolução nesse aspeto.

(...) A nível da linguagem também, (...) dizia algumas palavras e era só às vezes, começou a repetir aquelas que nos dizíamos e depois começou ele próprio a fazer as suas próprias frases também.

[Cooperação entre a educadora e a psicóloga] (...) um trabalho em conjunto (...) Tem transmitido [à educadora] algumas estratégias de intervenção a nível da sala.

(...) encaminhá-los para as entidades também competentes nessa área (...) está à espera de saber resposta da terapeuta da fala do centro de saúde.

(...) no ensino básico a linguagem será promotora de todo o sucesso.

[Cooperação educadora/pais/psicóloga] (...) *um grande empenho e tem havido uma articulação muito boa.*

Anexo I.c – Pré-categorização da entrevista à educadora

1. [Habilitações literárias] (...) *tenho licenciatura em educação de infância, (...)*
2. (...) *especialização em educação especial (...)*
3. (...) *estou a frequentar o mestrado de psicologia de reabilitação (...) com especialização em educação especial.*
4. [Anos de serviço] (...) *tenho 11 anos de serviço (...)*
5. [Percurso profissional] (...) *iniciou na Casa Nova, tive 3 anos em creche e jardim de infância (...)*
6. (...) *depois (...) vim (...) para esta instituição (...) há 8 anos.*
7. [Conhecimentos da área da linguagem] *Na formação inicial (...) fizemos (...) uma cadeira em que falámos (...) de crianças com dificuldades de aprendizagem onde também referíamos crianças com dificuldades de (...) aquisição da linguagem.*
8. [Quadro familiar da criança] (...) *pais são moldavos, tem uma irmã mais velha e uma irmã mais nova (...)*
9. (...) *o pai fala, muitas vezes, em moldavo lá em casa. A mana mais velha também (...)*
10. (...) *é uma criança que está, ao mesmo tempo, a aprender duas línguas (...)*
11. [Quadro de desenvolvimento da criança] (...) *no início, (...) ele não dizia quase nada (...) ficava muito caladinho (...)*
12. (...) *começou a repetir tudo aquilo que nós dizíamos e (...) articulava as palavras de uma forma organizada e correta (...)*

13. (...) *continua a repetir mas também já ele próprio faz as suas frases e já se expressa (...)*
14. [Capacidade de atenção] (...) *é muito relativa (...) se (...) algumas crianças (...) vão para os espaços (...) distrai-se do que está a fazer e também quer ir (...) se a atividade está a motivá-lo mesmo muito (...) continua e consegue chegar ao fim (...)*
15. [Relacionamento com outras crianças] (...) *nem sempre a linguagem verbal é a linguagem essencial para o relacionamento das crianças, elas comunicam também de outras formas entre elas.*
16. (...) *a linguagem nunca foi impedimento para a integração dele no grupo.*
17. [Quadro familiar da criança] (...) *se em casa o pai falar com ele em moldavo (...) vai ter algumas dificuldades em desenvolver mais o português.*
18. (...) [a mãe] *fala corretamente o português (...)*
19. [a mãe](...) *trabalha à noite (...)* [a criança] *fica com o pai e com as irmãs (...)*
20. [o pai] (...) *o português é muito básico. (...)*
21. (...) *acredito que ele [o pai] deva falar em moldavo com os miúdos.*
22. (...) *o momento de partilha em família a mãe está ausente.*
23. (...) *o pai e o avô do lado do pai também quando crianças tiveram alguma dificuldade na aquisição da linguagem.*
24. (...) [os irmãos] *são muito amiguinhos uns dos outros.*
25. (...) *a mana mais velha faz um bocado o papel de mãe. (...) é muito protetora dele.*
26. (...) [os pais] *são pessoas extremamente simpáticas e (...) muito dadas.*

27. [Construção do quadro clínico da criança] (...) [a mãe] *predispôs-se (...) em fazer exames (...) podia haver ali um problema auditivo e (...) dispôs-se logo a ir ao centro de saúde.*
28. (...) o médico (...) *solicitou o encaminhamento para um exame de audição. (...) no primeiro deu a hipótese de haver algum déficit auditivo (...) o doutor (...) encaminhou-o para um exame mais específico (...) estava tudo bem.*
29. [Intervenção da educadora com os pais] (...) *tentámos sempre colaborar com a psicóloga e depois com o centro de saúde.*
30. [Intervenção da educadora com a criança] (...) *tentamos sempre que ele fique integrado nas atividades de todo o grupo (...)*
31. (...) *tentámos dar um acompanhamento mais individualizado para que (...) consiga atingir os mesmos objetivos (...) que as outras crianças (...)*
32. [Evoluções verificadas na criança] (...) *Sim... bastantes.*
33. (...) *nem sequer queria agarrar nos lápis (...) Ele ia buscar a nossa mão para agarrar na mão dele para depois fazer. (...) descobriu ele próprio que era capaz, começou (...) com muito entusiasmo a fazer as atividades.*
34. (...) *Ele próprio tem autonomia para ir buscar, faz, vai guardar na capinha dele (...) houve uma evolução nesse aspeto.*
35. (...) *A nível da linguagem também, (...) dizia algumas palavras e era só às vezes, começou a repetir aquelas que nos dizíamos e depois começou ele próprio a fazer as suas próprias frases também.*
36. [Cooperação entre a educadora e a psicóloga] (...) *trabalho em conjunto (...)*
37. *Tem transmitido [à educadora] algumas estratégias de intervenção a nível da sala.*

38. (...) encaminhá-los para as entidades também competentes nessa área (...) está à espera de saber resposta da terapeuta da fala do centro de saúde.
39. (...) no ensino básico a linguagem será promotora de todo o sucesso.
40. [Cooperação educadora/pais/psicóloga] (...) um grande empenho e tem havido uma articulação muito boa.

**Anexo I.d – Grelha de categorização da informação
(entrevista à educadora)**

| Categorias | Subcategorias | Indicadores |
|---|--|---|
| 1. Categorização como profissional | 1.1 Habilitações literárias | <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>tenho licenciatura em educação de infância, (...)</i>(1) • (...) <i>especialização em educação especial (...)</i>(2) • (...) <i>estou a frequentar o mestrado de psicologia de reabilitação (...) com especialização em educação especial.</i>(3) |
| | 1.2 Anos de Serviço | <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>tenho 11 anos de serviço (...)</i>(4) |
| | 1.3 Percurso profissional | <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>iniciou na Casa Nova tive 3 anos em creche e jardim de infância (...)</i>(5) • (...) <i>depois (...) vim (...) para esta instituição (...) há 8 anos.</i> (6) |
| | 1.4 Conhecimentos na área da linguagem | <ul style="list-style-type: none"> • <i>Na formação inicial (...) fizemos (...) uma cadeira em que falámos (...) de crianças com dificuldades de aprendizagem onde também referíamos crianças com dificuldades de (...) aquisição da linguagem.</i> (7) |
| 2. Quadro familiar da criança | 2.1 Estrutura familiar | <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>pais são moldavos, tem uma irmã mais velha e uma irmã mais nova (...)</i>(8) • (...) <i>trabalha à noite (...) [a criança] fica com o pai e com as irmãs (...)</i> (19) • (...) <i>o momento de partilha em família a mãe está ausente.</i> (22) • (...) <i>[os pais] são pessoas extremamente simpáticas e (...) muito dadas.</i> (26) |
| | 2.2 Línguas faladas no contexto familiar | <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>o pai fala, muitas vezes, em moldavo lá em casa. A mana mais velha também (...)</i> (9) • (...) <i>se em casa o pai falar com ele em moldavo (...) vai ter algumas dificuldades em desenvolver mais o</i> |

| | | |
|------------------------------|-----------------------------------|---|
| | | <p><i>português.(17)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • (...) [a mãe] <i>fala corretamente o português (...)</i> (18) • [o pai] (...) <i>o português é muito básico. (...)</i> (20) • (...) <i>acredito que ele [o pai] deva falar em moldavo com os miúdos.(21)</i> |
| | 2.3 Antecedentes familiares | <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>o pai e o avô do lado do pai também quando crianças tiveram alguma dificuldade na aquisição da linguagem. (23)</i> |
| | 2.4 Relação com as irmãs | <ul style="list-style-type: none"> • (...) [os irmãos] <i>são muito amiguinhos uns dos outros. (24)</i> • (...) <i>a mana mais velha faz um bocado o papel de mãe. (...)(é muito protetora dele.(25)</i> |
| 3. Caracterização da criança | 3.1 Caracterização da linguagem | <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>é uma criança que está, ao mesmo tempo, a aprender duas línguas (...)(10)</i> • (...) <i>no início, (...) ele não dizia quase nada (...) ficava muito caladinho (...)</i> (11) • (...) <i>começou a repetir tudo aquilo que nós dizíamos e (...) articulava as palavras de uma forma organizada e correta (...)(12)</i> • (...) <i>dizia algumas palavras e era só às vezes, começou a repetir aquelas que nos dizíamos e depois começou ele próprio a fazer as suas próprias frases também. (26)</i> • (...) <i>no ensino básico a linguagem será promotora de todo o sucesso. (39)</i> |
| | 3.2 Capacidade de atenção | <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>é muito relativa (...) se (...) algumas crianças (...) vão para os espaços (...) distrai-se do que está a fazer e também quer ir (...) se a atividade está a motivá-lo mesmo muito (...) continua e consegue chegar ao fim (...)</i> (14) |
| | 3.3 Interação com outras crianças | <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>nem sempre a linguagem verbal é a linguagem essencial para o relacionamento das crianças, elas comunicam também de outras formas entre elas. (15)</i> • (...) <i>a linguagem nunca foi impedimento para a integração</i> |

| | | |
|------------------------------|--------------------------------------|--|
| | | <i>dele no grupo. (16)</i> |
| | 3.4 Construção do quadro clínico | <ul style="list-style-type: none"> • (...) [a mãe] <i>predispôs-se (...) em fazer exames (...) podia haver ali um problema auditivo e (...) dispôs-se logo a ir ao centro de saúde. (27)</i> • (...) o médico (...) <i>solicitou o encaminhamento para um exame de audição. (...) no primeiro deu a hipótese de haver algum déficit auditivo (...) o doutor (...) encaminhou-o para um exame mais específico (...) estava tudo bem. (28)</i> |
| | 3.5 Evoluções verificadas na criança | <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>continua a repetir mas também já ele próprio faz as suas frases e já se expressa (...) (13)</i> • (...) <i>Sim... bastantes. (32)</i> • (...) <i>nem sequer queria agarrar nos lápis (...) Ele ia buscar a nossa mão para agarrar na mão dele para depois fazer. (...) descobriu ele próprio que era capaz, começou (...) com muito entusiasmo a fazer as atividades. (33)</i> • (...) <i>Ele próprio tem autonomia para ir buscar, faz, vai guardar na capinha dele (...) houve uma evolução nesse aspeto. (34)</i> • (...) <i>A nível da linguagem também, (...) dizia algumas palavras e era só às vezes, começou a repetir aquelas que nos dizíamos e depois começou ele próprio a fazer as suas próprias frases também. (35)</i> |
| 4. Papel da educadora | 4.1 Cooperação com os pais | <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>tentámos sempre colaborar com a psicóloga e depois com o centro de saúde. (29)</i> |
| | 4.2 Intervenção com a criança | <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>tentamos sempre que ele fique integrado nas atividades de todo o grupo (...) (28)</i> • (...) <i>tentámos dar um acompanhamento mais individualizado para que (...) consiga atingir os mesmos objetivos (...) que as outras crianças (...) (31)</i> |
| | 4.3 Cooperação com a psicóloga | <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>trabalho em conjunto (...) (36)</i> • <i>Tem transmitido [à educadora] algumas estratégias de intervenção</i> |

| | | |
|---|---|---|
| | | <i>a nível da sala. (37)</i> |
| 5. Cooperação entre educadora e psicóloga | 5.1 Cooperação com os pais | <ul style="list-style-type: none"> • (...) encaminhá-los para as entidades também competentes nessa área (...) está à espera de saber resposta da terapeuta da fala do centro de saúde. (38) |
| 6. Cooperação entre os elementos da equipa educativa | 6.1 Trabalho conjunto entre educadora, mãe da criança e psicóloga | <ul style="list-style-type: none"> • (...) um grande empenho e tem havido uma articulação muito boa. (40) |

Anexo II – Guião de entrevista à mãe

Tema: O papel do educador perante uma criança com atraso de linguagem.

Objetivo geral: Compreender o envolvimento do educador face a uma criança com atraso de linguagem.

| Determinação dos blocos | Objetivos específicos | Formulário de questões |
|--|---|---|
| <p style="text-align: center;">BLOCO A</p> <p style="text-align: center;">Legitimação da entrevista</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista • Motivar à mãe • Utilizar as informações recolhidas | <ul style="list-style-type: none"> ○ Informar, em linhas gerais, o objetivo do estudo: o papel do educador perante uma criança com atraso de linguagem. ○ Certificar a confidencialidade à mãe da criança ○ Pedir a sua colaboração, salientando a importância desta. ○ Assegurar a confidencialidade das declarações prestadas. ○ Pedir autorização para gravar em áudio. |
| <p style="text-align: center;">BLOCO B</p> <p style="text-align: center;">Compreensão do desenvolvimento</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Compreender a perspetiva da mãe face ao desenvolvimento da criança. | <p>Solicitar à mãe que fale sobre o processo de desenvolvimento do seu filho.</p> <p><u>Questões:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Descreva-me o desenvolvimento do seu filho até agora. - Como caracteriza a sua linguagem? - E a sua capacidade de atenção? - Sendo uma criança com dificuldades de expressão a nível de linguagem, como considera ser o seu relacionamento social com as outras crianças? |

| | | |
|---|---|---|
| <p>BLOCO C</p> <p>Compreensão do contexto familiar</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Compreender o contexto familiar da criança | <p>Solicitar à mãe que fale sobre o contexto familiar da criança</p> <p><u>Questões:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Como é passado o dia a dia do seu filho? - Como considera que a criança desenvolve a sua linguagem no seu ambiente familiar? - Como é a relação que o seu filho desenvolve com os irmãos? |
| <p>BLOCO D</p> <p>Colaboração da mãe junto da educadora</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Compreender o modo de colaboração da mãe junto da educadora | <p>Solicitar à mãe que explique o seu modo de colaboração com a educadora.</p> <p><u>Questões:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Existe algum trabalho de colaboração entre a senhora e a educadora do seu filho? - De que forma (s)? |

| | | |
|--|--|--|
| <p>BLOCO E</p> <p>Colaboração da mãe com a psicóloga</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Compreender o modo de colaboração da mãe com a psicóloga | <p>Solicitar à mãe que explique o seu modo de colaboração com a psicóloga.</p> <p><u>Questões:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Existe algum trabalho de colaboração entre a senhora e a psicóloga? - De que forma (s)? |
| <p>BLOCO F</p> <p>Intervenção da mãe com a criança</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Compreender o modo de intervenção da mãe com a criança | <p>Solicitar à mãe que descreva o seu modo de intervenção com a criança</p> <p><u>Questões:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Em casa, que estratégias utiliza para proporcionar à criança o desenvolvimento da sua linguagem? |

Anexo III – Guião de entrevista à psicóloga

Tema: O papel do educador perante uma criança com atraso de linguagem.

Objetivo geral: Compreender o envolvimento do educador face a uma criança com atraso de linguagem.

| Determinação dos blocos | Objetivos específicos | Formulário de questões |
|--|---|--|
| <p style="text-align: center;">BLOCO A Legitimação da entrevista</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista • Motivar a psicóloga • Utilizar as informações recolhidas | <ul style="list-style-type: none"> ○ Informar, em linhas gerais, o objetivo do estudo: o papel do educador perante uma criança com atraso de linguagem. ○ Certificar a confidencialidade da psicóloga. ○ Pedir a sua colaboração, salientando a importância desta. ○ Assegurar a confidencialidade das declarações prestadas. ○ Pedir autorização para gravar em áudio. |
| <p style="text-align: center;">BLOCO B Recolha de dados biográficos da psicóloga</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Elaborar uma breve caracterização sobre a psicóloga | <p>Pedir à psicóloga que fale sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> - As suas habilitações literárias; - Os seus anos de serviço; - O seu percurso profissional. <p><u>Questões:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Para começar, gostaria de saber quais as suas habilitações literárias. - Quanto tempo tem de serviço? - Descreva-me o seu percurso profissional. - Realizou alguma formação específica na área da linguagem? |

| | | |
|---|---|--|
| <p>BLOCO C</p> <p>Compreensão do quadro de desenvolvimento</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Compreender a perspetiva da psicóloga face ao quadro de desenvolvimento da criança. | <p>Solicitar à psicóloga que fale sobre a criança face à qual vai ser desenvolvido o estudo.</p> <p><u>Questões:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Quais foram as características mais evidentes no processo avaliação/diagnóstico da criança? - Como caracterizava a sua linguagem? - E a sua capacidade de atenção? |
| <p>BLOCO D</p> <p>Trabalho de colaboração da psicóloga junto da educadora</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Compreender o trabalho de colaboração da psicóloga junto da educadora | <p>Solicitar à psicóloga que fale sobre o seu trabalho de colaboração junto da educadora.</p> <p><u>Questões:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Exerceu algum tipo de trabalho de colaboração junto da educadora que acompanhou a criança? - Em que consistiu? |
| <p>BLOCO E</p> <p>Trabalho de colaboração da psicóloga junto dos pais</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Compreender o trabalho de colaboração da psicóloga junto dos pais | <p>Solicitar à psicóloga que explique o seu trabalho de colaboração junto dos pais da criança.</p> <p><u>Questões:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Exerceu algum trabalho de colaboração com os pais da criança? - Em que consistiu? |

| | | |
|---|--|---|
| <p>BLOCO F</p> <p>Intervenção da psicóloga junto da criança</p> | <ul style="list-style-type: none">• Conhecer a intervenção da psicóloga junto da criança | <p>Pedir à psicóloga que fale sobre a sua ação junto da criança</p> <p><u>Questões:</u></p> <ul style="list-style-type: none">- Durante o decorrer das sessões de acompanhamento, que estratégias direcionava para essa criança?- Quantas vezes por semana?- Foram notórias evoluções por parte da criança? Se sim, quais? |
|---|--|---|

Anexo IV – Quadro comparativo da categorização das entrevistas

| Subcategorias | Educadora | Mãe | Psicóloga |
|--------------------------------|--|-----|--|
| Habilitações literárias | <ul style="list-style-type: none"> - (...) tenho licenciatura em educação de infância, (...) - (...) especialização em educação especial (...) - (...) estou a frequentar o mestrado de psicologia de reabilitação (...) com especialização em educação especial. | | <ul style="list-style-type: none"> - Tenho a licenciatura em psicologia clínica. |
| Anos de serviço | <ul style="list-style-type: none"> - (...) tenho 11 anos de serviço (...) | | <ul style="list-style-type: none"> - 10 anos de serviço. |
| Percurso profissional | <ul style="list-style-type: none"> - (...) iniciou na Casa Nova tive 3 anos em creche e jardim de infância (...) - (...)depois (...) vim (...) para esta instituição (...) há 8 anos. | | <ul style="list-style-type: none"> - Comecei por fazer parte de um projeto de desenvolvimento social - (...) avaliação/apoio psicológica individual a crianças (...) - (...) apoio/aconselhamento parental (...) - (...) avaliação e intervenção psicossocial com famílias carenciadas (...) - dinamizávamos (...) formações para pais/adultos/técnicos (...)incluíram pais com filhos adolescentes e pais com crianças mais pequenas. - (...) surgiu a oportunidade de colaborar no centro de acolhimento temporário «As Papoilas»(...) - (...) engloba a avaliação/intervenção com as crianças, com as famílias e a supervisão das visitas. - (...) a articulação/parcerias com outros |

| | | | |
|---|--|--|---|
| | | | <p>técnicos de serviços, (...) a segurança social, a CPCJ [comissão de proteção de crianças e jovens] e o tribunal.</p> <p>- (...) comecei também a colaborar com a Casa dos Pequenos(...) dispondo de um dia por semana para esse apoio.</p> |
| Conhecimentos na área da linguagem | <p>- Na formação inicial (...) fizemos (...) uma cadeira em que falámos (...) de crianças com dificuldades de aprendizagem onde também referíamos crianças com dificuldades de (...) aquisição da linguagem.</p> | | <p>- (...) apenas formações complementares mais gerais sobre o desenvolvimento infantil.</p> |
| Estrutura familiar | <p>- (...) pais são moldavos, tem uma irmã mais velha e uma irmã mais nova (...)</p> <p>- (...) trabalha à noite (...) [a criança] fica com o pai e com as irmãs (...)</p> <p>- (...) o momento de partilha em família a mãe está ausente.</p> <p>- (...) [os pais] são pessoas extremamente simpáticas e (...) muito dadas.</p> | <p>- (...) a maioria parte do tempo eles [a criança e a irmã mais nova] passam com o pai e com a irmã, não passa comigo. (...)</p> | <p>- (...) funcionava muito à base das rotinas diárias e prestação dos cuidados básicos (...)</p> <p>- (...) ambiente pouco estimulante em casa por parte desta família. Não por desinteresse ou negligência, mas é uma família com três crianças, sem retaguarda familiar (...)</p> <p>- (...) a mãe trabalha por turnos abrangendo o final do dia/noite e pouco é o tempo que passa com eles.</p> |
| Línguas faladas no contexto familiar | <p>- (...) o pai fala, muitas vezes, em moldavo lá em casa. A mana mais velha também (...)</p> <p>- (...) se em casa o pai falar com ele em Moldavo (...) vai ter algumas dificuldades em desenvolver mais o português.</p> <p>- (...) [a mãe] fala corretamente o português (...)</p> <p>- [o pai] (...) o português é muito básico. (...)</p> <p>- (...) acredito que ele [o pai] deva falar em Moldavo com os miúdos.</p> | <p>- (...) tem as duas línguas (...) [dificuldade] nas duas(...)</p> | <p>- (...) ela [a mãe] fala com ele [a criança], na maioria das vezes, em português outras vezes em moldavo (...)</p> <p>- (...) o pai também alterna as duas línguas.</p> <p>- (...) estão em Portugal há cerca de 10 anos, falando já fluentemente a língua portuguesa.</p> |
| Antecedentes familiares | <p>- (...) o pai e o avô do lado do pai também quando crianças tiveram alguma dificuldade na aquisição da linguagem.</p> | | |

| | | | |
|---|---|--|--|
| <p>Relação com as irmãs</p> | <p>- (...) [os irmãos] são muito amiguinhos uns dos outros. - (...) a mana mais velha faz um bocado o papel de mãe. (...) é muito protetora dele.</p> | <p>- Tem uma irmã que tem três anos (...). Mas a diferença não é muito porque um tem cinco e a outra tem três, mas (...) parece que é igual. - (...) é boa... brinca sempre!</p> | |
| <p>Características mais evidentes da criança</p> | | | <p>- (...) é uma criança cujo desenvolvimento estato ponderal está de acordo com o esperado. - É uma criança calma e passiva (...) - (...) de fácil contato (...) - (...) pouco expressiva, tanto a nível de expressão verbal como expressões faciais. - (...) uma boa adaptação, tanto a pessoas como a ambientes desconhecidos (...) - (...) sempre alegre, por vezes até com um humor eufórico (...) - (...) o contato visual era fácil de estabelecer. (...) não era por um longo período (...) - Apresentava imaturidade emocional e intelectual(...) - (...) comportamento estável (...) - (...) boa relação com os adultos e os pares. - (...) défice em algumas áreas em particular, na preceptivo-manipulativa, na memória auditiva, visual e verbal.</p> |
| <p>Caracterização da linguagem</p> | <p>- (...) é uma criança que está, ao mesmo tempo, a aprender duas línguas (...) - (...) no início, (...) ele não dizia quase nada (...) - (...) ficava muito caladinho (...) - (...) começou a repetir tudo aquilo que nós dizíamos e (...) articulava as palavras de uma forma organizada e correta (...) - (...) dizia algumas palavras e era só às vezes, começou a repetir aquelas que nos dizíamos e depois começou ele próprio a fazer as suas</p> | <p>- (...) tem um bocadinho de dificuldade na linguagem... (...) Está um bocadinho atrasado(...) - já (...) está muito melhor.</p> | <p>- (...) o seu desenvolvimento estava (...) abaixo do esperado para a sua faixa etária. - (...) linguagem expressiva assemelhava-se a uma linguagem “abebezada”, comparativa a uma criança de 2/3 anos (...) - (...) dificuldade na articulação de alguns sons (...) - (...) discurso era pouco estruturado e incoerente, (...) difícil de compreender. - (...) frases (...) curtas e não usava pronomes.</p> |

| | | | |
|---|---|--|---|
| <p>Caracterização da linguagem (continuação)</p> | <p><i>próprias frases também.</i> - (...) <i>no ensino básico a linguagem será promotora de todo o sucesso.</i></p> | | <p>- (...) <i>não conseguia reproduzir histórias, acontecimentos passados/do seu dia-a-dia, canções e rimas.</i> - (...) <i>associei o atraso na linguagem ao facto de se tratar de uma criança bilingue.</i> - (...) <i>as crianças demonstram alguma dificuldade na aquisição da língua mas ao fim de algum tempo, começam a falar na perfeição.</i> - (...) <i>não se verificou no caso desta criança que apesar de, desde que nasceu, ter contacto com ambas as línguas (...)</i> - (...) <i>revela dificuldades, tendo (...) iniciado tardiamente a linguagem, após os 2 anos.</i></p> |
| <p>Capacidade de atenção</p> | <p>- (...) <i>é muito relativa (...) se (...) algumas crianças (...) vão para os espaços (...) distrai-se do que está a fazer e também quer ir (...) se a atividade está a motivá-lo mesmo muito (...) continua e consegue chegar ao fim (...)</i></p> | <p>- (...) <i>não tem muita atenção não.</i> - (...) <i>é uma criança que não para.</i></p> | <p>- (...) <i>a sua atenção era muito dispersa e perdia o interesse com muita facilidade.</i> - (...) <i>tinha dificuldades em focar a sua atenção. (...)</i> - (...) <i>necessário utilizar estratégias que fossem muito motivadoras para despertar a sua atenção e não a perder ou até mesmo mudar de atividade quando se desmotivava.</i></p> |
| <p>Interação com outras crianças</p> | <p>- (...) <i>nem sempre a linguagem verbal é a linguagem essencial para o relacionamento das crianças, elas comunicam também de outras formas entre elas.</i> - (...) <i>a linguagem nunca foi impedimento para a integração dele no grupo.</i></p> | <p>- (...) <i>ele tem (...) uns dois, três amigos. (...) não é assim muito de amigos (...)</i></p> | |
| <p>Construção do quadro clínico</p> | <p>- (...) <i>[a mãe] predispôs-se (...) em fazer exames (...) podia haver ali um problema auditivo e (...) predispôs-se logo a ir ao centro de saúde.</i> - (...) <i>o médico (...) solicitou o encaminhamento para um exame de audição.</i></p> | <p>- <i>Fizemos umas análises do ouvido para ver realmente o que tem (...) está tudo bem.</i> - <i>Agora vamos esperar pela terapia da fala (...)</i></p> | |

| | | | |
|---|---|---|--|
| | <i>(...) no primeiro deu a hipótese de haver algum défice auditivo (...) o doutor (...) encaminhou-o para um exame mais específico (...) estava tudo bem.</i> | | |
| Intervenção com a criança | <ul style="list-style-type: none"> - (...) tentamos sempre que ele fique integrado nas atividades de todo o grupo (...) - (...) tentámos dar um acompanhamento mais individualizado para que (...) consiga atingir os mesmos objetivos (...) que as outras crianças (...) | <ul style="list-style-type: none"> - (...) chega a casa pergunto como foi o dia, o que ele almoçou, o que eles fizeram, brincaram. Outras vezes ele não diz nada (...) não quer dizer. - (...) não conto histórias porque não tenho tempo (...) eu trabalho muito. - [a irmã mais velha] conta histórias, brinca com ele, vê bonecos (...) | <ul style="list-style-type: none"> - No jardim de infância, a grande incidência do meu trabalho de intervenção (...) é realizado em conjunto com os pais e não diretamente com a criança. - (...) o apoio foi facultado de modo indireto, fazendo, para além da avaliação (...) - uma articulação frequente entre a educadora da sala, os técnicos da intervenção precoce e os pais. - (...) colaborei na definição de estratégias e na elaboração/avaliação do plano educativo individualizado. - Não realizei trabalho de acompanhamento psicológico da criança (...) |
| Cooperação entre educadora e a família | <i>- (...) tentámos sempre colaborar com a psicóloga e depois com o Centro de Saúde.</i> | <i>- Eu tenho sempre falado com a educadora (...) anda muito em cima dele e temos sempre contacto com ela.</i> | |
| Cooperação entre a educadora e a psicóloga | | | <ul style="list-style-type: none"> - (...) a educadora sinalizou-me este caso por verificar que a criança revelava dificuldades ao nível da linguagem e do desenho, não tendo apresentado evolução. - (...) a observação da criança em contexto sala (...) - (...) realização de uma entrevista à educadora (...) - (...) um questionário sobre as características da criança, visto ser uma pessoa que melhor conhece a criança. - (...) falámos com os pais da criança, realizando |

| | | | |
|--|--|--|---|
| <p>Cooperação entre a educadora e a psicóloga (continuação)</p> | | | <p><i>uma entrevista anamnésica, (...) intuito de recolher informação e sensibilizando para a necessidade de avaliação/intervenção.</i></p> <p><i>- Após (...) o consentimento dos pais, é realizada uma avaliação de desenvolvimento que pretende analisar todas as áreas em termos quantitativos para saber em que nível etário a criança se encontra em cada uma das áreas.</i></p> <p><i>- (...) se for pertinente, faço o encaminhamento da criança para a equipa de intervenção precoce, constituída por educadora, enfermeira, terapeuta da fala e terapeuta ocupacional, que se encarregarão de avaliar e estabelecer um plano terapêutico para a criança.</i></p> |
| <p>Estratégias facultadas</p> | | | <p>[À educadora]</p> <p><i>- (...) forneci algumas orientações à educadora (...o conto/reconto de histórias e o relato de situações da vida quotidiana, nomeação de objetos, sequência de histórias, com vista a aumentar o vocabulário e melhorar o seu discurso.</i></p> <p><i>- (...) estratégias para estimular a psicomotricidade como a construção de puzzles, noções matemáticas, cálculo/seriação, cópia de figuras geométricas, labirintos, pintura/contorno de figuras...</i></p> <p>[Aos pais da criança]</p> <p><i>- (...) surgiu a necessidade de tentar alterar alguns aspetos, de modo a proporcionar momentos de atenção mais individualizada e estímulo (...)</i></p> <p><i>- (...) brincando em conjunto com a criança (...)</i></p> <p><i>- (...) incentivando a realização de jogos</i></p> |

| | | | |
|--|---|--|--|
| | | | <p><i>didáticos (...)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - (...) <i>alguns exercícios de estimulação específicos, como o desenho, a pintura, os puzzles...</i> - [relativamente à linguagem] (...) <i>contar uma história todos os dias à noite (...)</i> - (...) <i>corrigir algumas dificuldades no seguimento do discurso auxiliando a criança a expressar-se verbalmente e aumentando o seu vocabulário oral.</i> |
| <p>Trabalho conjunto da educadora e da psicóloga junto dos pais</p> | <p>- (...) <i>encaminhá-los para as entidades também competentes nessa área (...)</i> <i>está à espera de saber resposta da terapeuta da fala do centro de saúde.</i></p> | <p>- (...) <i>fui duas vezes contactada... a primeira vez (...)</i> <i>perguntou-me tudo sobre a história dele [da criança](...)</i> <i>agora no final (...)</i> <i>diz que já desenvolveu um bocadinho e está no bom caminho.</i></p> | <ul style="list-style-type: none"> - (...) <i>falei com a mãe e expliquei-lhe os resultados da avaliação.</i> - <i>Tentei sensibilizar (...)</i> <i>para a importância da sua colaboração no dia-a-dia da criança.</i> - <i>os pais mostraram maior relutância, com medo do rótulo na criança, penso que o rótulo de “deficiência”, “do filho diferente”, que apresenta necessidades educativas especiais...</i> - <i>Surgiu a necessidade de sensibilizá-los (...)</i> <i>desmistificando e salientado que mais um ano no pré-escolar, não seria um ano em que iria atrasar, mas sim um ano de ganhos, em que a criança teria a oportunidade de realizar novas aprendizagens.</i> |
| <p>Cooperação entre os elementos da equipa educativa</p> | <p>- (...) <i>um grande empenho e tem havido uma articulação muito boa.</i></p> | | |
| <p>Evoluções verificadas</p> | <ul style="list-style-type: none"> - (...) <i>continua a repetir mas também já ele próprio faz as suas frases e já se expressa (...)</i> - (...) <i>Sim... bastantes.</i> - (...) <i>nem sequer queria agarrar nos lápis (...)</i> <i>Ele ia buscar a nossa mão para agarrar na mão dele para depois fazer. (...)</i> <i>descobriu ele</i> | <p>- (...) <i>o meu filho até agora (...)</i> <i>acho que desenvolveu bastante... principalmente desde o início do ano (...)</i> <i>mesmo em casa eu noto (...)</i></p> | <ul style="list-style-type: none"> - (...) <i>a evolução foi bastante lenta, surgiu a necessidade de propor um adiamento escolar.</i> - (...) <i>não houve progressos muito evidentes, apesar da colaboração da mãe nas terapias e do apoio da educadora.</i> - (...) <i>no ano de adiamento, desconheço a</i> |

| | | | |
|---|---|--|---|
| <p>Evoluções verificadas (continuação)</p> | <p><i>próprio que era capaz, começou (...) com muito entusiasmo a fazer as atividades.</i> <i>- (...) Ele próprio tem autonomia para ir buscar, faz, vai guardar na capinha dele (...) houve uma evolução nesse aspeto.</i> <i>- (...) A nível da linguagem também, (...) dizia algumas palavras e era só às vezes, começou a repetir aquelas que nos dizíamos e depois começou ele próprio a fazer as suas próprias frases também.</i></p> | | <p><i>evolução da criança, (...) perdi o contato desde que foi para o pré-escolar público. Embora saiba que continuou a ser acompanhado pelos técnicos da intervenção precoce.</i> <i>- A sua evolução até aos 5 anos foi pouco significativa.</i> <i>- (...) não devemos descurar as suas pequenas evoluções, que constituem grandes passos para a criança, devendo reforçar positivamente e elogiar a criança com as suas conquistas, pois desta forma é mais fácil obter sucessos.</i></p> |
|---|---|--|---|